

TROPA DO EXÉRCITO OCUPA RUAS DE NATAL PARA ATUAR NO HAITI



R\$ 2,00

Ano 5
1637
Natal-RN
Domingo
26 / Abril / 2015

9. ESPORTES

QUEM É JOSUÉ, O TÉCNICO QUE BOTOU O ABC NOS EIXOS

Carioca de 54 anos, Josué Teixeira é o principal responsável pela campanha do ABC no Estadual: melhor ataque e melhor defesa.

FABIO CORTEZ / NU

11. CIDADES

LENO ANUNCIA RETORNO DA DUPLA COM LÍLIAN

Aos 66 anos, Leno Azevedo anuncia que em junho retoma a dupla que marcou a Jovem Guarda, com sua amiga Lillian.

NEY DOUGLAS / NU

3. POLÍTICA

ARGEMIRO LIMA / NU



► Prefeito Carlos Eduardo: mais recursos

PREFEITURA QUER R\$ 200 MI DE SEUS DEVEDORES

Depois do projeto da licitação dos transportes, prefeitura quer aprovar nesta semana lei que prevê cobrança da dívida ativa.

10. ESPORTES

NARA DIAS / CEDIDA



► Meninada no "Livro na mão, bola no pé"

PROJETO EM GUAMARÉ JUNTA LIVRO E FUTEBOL

É comandado por um português, Rui Almeida, o projeto social de Guimarães que atende 400 crianças.

2. GERAL

EM BUSCA DE BANDIDOS, PM OCUPA MÃE LUIZA

Comando da Polícia Militar ocupa Mãe Luiza por tempo indeterminado até achar líderes do arrastão em Areia Preta.

7. CIDADES

CREA CONDENA ESTRUTURA DE ALCAÇUZ HÁ DOIS ANOS

/ IMPRÓPRIO / OUIRIDORIA DO CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA DO RN ALERTOU EM 2013 PARA A NECESSIDADE URGENTE DE GARANTIR MAIS SEGURANÇA À PENITENCIÁRIA; A ENTIDADE CONCLUIU QUE O TERRENO É IMPRÓPRIO PARA SEDIAR PRESÍDIO

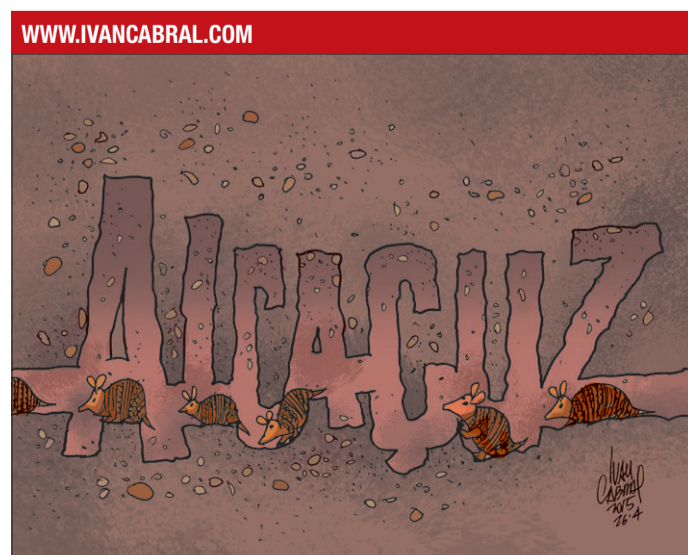
12. ESPECIAL

VIDA DE COVEIRO: NÃO É COVA GRANDE, É COVA MEDIDA...



► Sidney Ferreira, 45 anos, é um dos 40 coveiros que trabalham nos oito cemitérios públicos de Natal: salário é "merreca", "falta higiene" e local de trabalho é "cheio de bactérias"

WWW.IVANCABRAL.COM



8. CIDADES

EX-DETENTO TEVE CHANGE; E SE RECUPEROU

Agora empregado, o ex-detento Mário Sérgio Gomes da Silva virou funcionário exemplar. É destaque como servente.



EDUARDO MAIA / NU

/ DESASTRE /

TERREMOTO
ATINGE NEPAL E
PAÍSES VIZINHOS

UM FORTE TERREMOTO de magnitude 7,8 atingiu a capital do Nepal e o Vale de Katmandu, densamente povoado, na manhã de ontem, causando danos em edifícios e estruturas urbanas, incluindo desabamentos e elevamento do solo em alguns pontos. Até o fechamento desta edição, o número oficial de mortos era de 777, de acordo com a rede norte-americana "CNN", a partir de informações do governo local. Todavia, o número era crescente.

Somente a cidade de Katmandu tem população de 1 milhão de pessoas, e o Vale de Katmandu, 2,5 milhões, muitas vivendo em condições de pobreza.

Como as operações de resgate em andamento, o número oficial de vítimas ainda deve crescer.

Os feridos estão sendo levados a hospitais, mas muitos têm de ser atendidos do lado de fora, por conta dos abalos nas estruturas dos prédios.

O epicentro do terremoto foi registrado 80 km a nordeste de Katmandu, no distrito de Gorka, e a 15 km de profundidade. De acordo com o Serviço Geológico dos EUA (USGS, na sigla em inglês), os tremores ocorreram às 11h26, no horário local (3h26 em Brasília).

Após o choque principal, foram registrados ao menos 15 pequenos tremores, de magnitude 4,5. Países vizinhos, como Índia, Paquistão e Bangladesh, também foram afetados. Ainda não há números oficiais de feridos.

PM OCUPA MÃE LUIZA POR TEMPO INDETERMINADO

/ RESPOSTA / AINDA EM BUSCA DOS SUSPEITOS DO ARRASTÃO EM AREIA PRETA, POLÍCIA ANUNCIA OCUPAÇÃO NA COMUNIDADE, MAS CLASSIFICA CRIME COMO 'FATO ISOLADO'

CLEO LIMA
DO NOVO JORNAL

A POLÍCIA MILITAR confirmou ontem que ficará em operação permanente no bairro de Mãe Luiza, zona Leste de Natal, por tempo indeterminado. A força de segurança ocupará a comunidade com vistas a reduzir os índices de criminalidade na região.

De acordo com o chefe de operações do Comando de Policiamento Metropolitano (CPM), major Eduardo Franco, a ordem foi dada pelo diretamente pelo comandante da PM, coronel Sairo Rogério da Rocha e Silva. O comandante do 1º Batalhão, major Antônio Marinho da Silva, foi designado para coordenar pessoalmente as ações no bairro.

Na última quinta-feira, um arrastão na praia de Areia Preta, contígua ao bairro de Mãe Luiza, teve grande repercussão nas redes sociais, após a divulgação de um vídeo que mostra três criminosos praticando assaltos na orla – um deles armado com uma espingarda calibre 12.

A polícia militar já sabe quem são os envolvidos na ação e está em diligências para tentar captu-



▶ Arrastão aconteceu na região onde moram o prefeito de Natal e o governador do Estado

rá-los. Na sexta-feira, a PM chegou a prender seis suspeitos, mas todos foram liberados por falta de provas. Ainda que o caso chame a atenção, pelo porte de uma das armas utilizadas, o major Franco diz que se trata de uma situação pontual.

"A operação não é específica-

mente por causa desse assalto, que foi um fato isolado. A PM está agindo há algum tempo em Mãe Luiza, tanto que todas as estatísticas já mostram uma diminuição nas ocorrências do bairro. A intenção maior é propiciar segurança aos moradores como um todo", comentou.

O policial lamentou que uma situação isolada acabe por estigmatizar toda uma comunidade como violenta. Segundo ele, Mãe Luiza "é um lugar de gente de bem, que termina sofrendo preconceito por conta de uma minoria envolvida com a criminalidade", finalizou.

/ MUNDO /

INDONÉSIA VAI
EXECUTAR MAIS
UM BRASILEIRO

A FAMÍLIA DO paranaense Rodrigo Muxfeldt Gularte, condenado à morte na Indonésia por tráfico de drogas, foi informada oficialmente ontem de que ele será executado.

A data da execução, que será por fuzilamento, todavia, não foi anunciada. A lei indonésia prevê que os presos sejam informados com 72 horas de antecedência, o que foi feito ontem, segundo o advogado de Gularte.

Sendo assim, as penas poderão ser cumpridas a partir da tarde de terça-feira (no horário local).

Gularte, de 42 anos, foi preso em julho de 2004 após tentar entrar na Indonésia com 6kg de cocaína escondidos em pranchas de surf. Ele foi condenado à morte em 2005.

A família tentava convencer autoridades a reverter a pena após Gularte ter sido diagnosticado com esquizofrenia.

Uma equipe médica reavaliou o brasileiro na prisão em março à pedido da Procuradoria Geral indonésia, mas o resultado deste laudo não foi divulgado.

Mantida a sentença do governo, ele será o segundo brasileiro a ser executado na Indonésia. Em janeiro, o carioca Marco Archer Cardoso Moreira foi fuzilado após ser condenado à morte por tráfico de drogas.

Autoridades não divulgaram quais presos deverão ser executados a partir de terça-feira. Dez condenados estão no corredor da morte, incluindo cidadãos de Austrália, França e Nigéria. Apenas um é indonésio.

Informativo Semanal do Sindicato dos Médicos

sin med
RN
em ação

DIA DO TRABALHADOR



O TRABALHO FAZ O MUNDO

sin med

FENAM
Federação Nacional dos Médicos

O Sinmed RN realiza no próximo dia 01/05, Dia do Trabalhador, a caminhada "O trabalho faz o mundo", com saída às 8h da Associação Médica.

Na concentração será servido um café da manhã leve e, logo em seguida, os médicos vão em caminhada em direção ao Parque das Dunas, onde acontece a apresentação do grupo de samba Quarteto Linha.

Já a noite teremos a tradicional confraternização dos médicos no Hotel Seahrs, às 20h. As atrações deste ano serão o humorista Adamastor Pitaco e a Orquestra Sanfônica.

Para a festa, as senhas são gratuitas e limitadas, distribuídas duas por cada médico. As senhas devem ser retiradas na sede do Sinmed RN até o dia 30 de abril. Informações: 3222-0028.

PARALISAÇÃO

Os médicos radiologistas do RN decidiram, por unanimidade, durante assembleia realizada no Sindicato dos Médicos do RN, paralisar todos os procedimentos realizados pela especialidade em convênio com a Unimed, a partir do dia 05 de maio. A paralisação, por tempo indeterminado, tem por motivação a falta de reajuste nos valores pagos aos profissionais por cada procedimento realizado e a não abertura dos Planos para negociação. O movimento será iniciado pela prestadora Unimed, por ser a operadora que

está com os reajustes de valores de procedimentos mais defasados, com relação aos outros planos. Porém, todos os planos de saúde que atuam no estado também já estão sendo convocados para negociação e também poderão ter o atendimento suspenso.



MOBILIZAÇÃO

Nova assembleia dos Radiologistas está marcada para o dia 28 de abril, 19h, no Sinmed. Também será realizado um ato conjunto com o Sinmed no dia 1º de maio, na Associação Médica.

NATAL

Na reunião de negociação do Plano de Carreira realizada no último dia 14, na Secretaria Municipal de Saúde, o secretário Luiz Roberto propôs a formação de uma comissão específica, membros da SMS e do Sinmed, para discutir as particularidades do plano e correções da lei. Esta semana a equipe técnica já deve começar as reuniões para discutir a formatação do projeto e proposições para correções da lei atual.



ASSEMBLEIA

Nova assembleia com médicos de Natal está marcada para o dia 29 de abril, 19h, no Sindicato dos Médicos do RN. Na reunião será repassado para toda a categoria o andamento das negociações do Plano de Carreira.

twitter: @sinmedrn

facebook.com/sinmedrn

DIREITO TRIBUTÁRIO ATUAL

SEMINÁRIO PARA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO - UFRN

30 ABRIL 2015, 18h

AUDITÓRIO DO PPGD



TRIBUTAÇÃO E ORDEM ECONÔMICA



COM O PROFESSOR DOUTOR
LUÍS EDUARDO SCHOUERI
PROFESSOR TITULAR DE DIREITO TRIBUTÁRIO DA USP

MUTAÇÕES DA TRIBUTAÇÃO
INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA

COM O PROFESSOR DOUTOR
SÉRGIO ANDRÉ ROCHA
DOUTOR EM DIREITO
LIVRE-DOCENTE EM DIREITO TRIBUTÁRIO PELA USP
PROFESSOR DE DIREITO TRIBUTÁRIO DA UERJ

TRIBUTAÇÃO, DESPESA PÚBLICA
E PROBLEMAS FEDERATIVOS

COM O PROFESSOR DOUTOR
FERNANDO ZILVETI
MESTRE E DOUTOR
LIVRE-DOCENTE EM DIREITO TRIBUTÁRIO PELA USP
PROFESSOR DE DIREITO TRIBUTÁRIO DA FGV

Inscrição Solidária - 1kg de alimento. admin@andreelali.com.br

ORGANIZAÇÃO: UFRN E PROF. DR. ANDRÉ ELALI APOIO: NOVO JORNAL



Editor
Everton Dantas

E-mail
evertondantas@novojornal.jor.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

COBRANÇA DA DÍVIDA ATIVA DE NATAL RETORNA À CÂMARA

/ FINANÇAS / VEREADORES RETOMAM ESTA SEMANA ANÁLISE DO PROJETO QUE PREVÊ COBRANÇA DA DÍVIDA ATIVA PELA PREFEITURA DE NATAL, MEDIDA QUE É A ESPERANÇA DO MUNICÍPIO PARA MELHORAR SUA SITUAÇÃO FINANCEIRA

CLÁUDIO OLIVEIRA
DO NOVO JORNAL

DEPOIS DO POLÊMICO projeto de licitação do transporte coletivo de Natal, os vereadores de Natal se debruçam, a partir da próxima terça-feira (28), sobre o projeto que regulamenta a cobrança da dívida ativa do município. O prefeito Carlos Eduardo já pediu urgência na votação aos vereadores da sua bancada e, em virtude das dificuldades financeiras que o município enfrenta, deverá ser atendido. A expectativa da Prefeitura é conseguir acrescentar cerca de R\$ 200 milhões ao ano à sua receita com a cobrança aos seus devedores.

Este valor equivale a 20% do que o município tem a receber inscrito na Dívida Ativa, segundo informações da Procuradoria Geral do Município. Os recursos a receber deverá ajudar o município a se afastar do vermelho. O desejo do prefeito foi externado desde o início dos trabalhos legislativos em fevereiro passado, quando fez a leitura da mensagem anual na Câmara, mas, em virtude das atenções terem

se voltado para o projeto de licitação dos transportes, agora ganhará destaque, entrando em pauta na terça-feira, segundo previsão da Mesa Diretora.

Em meio à crise nacional em que o município não pode contar com o governo Federal, a saída é buscar meios próprios de sobreviver, segundo o prefeito. Ele lembra que o governo federal fica com 68% da arrecadação tributária, sobrando 11% para dividir entre os municípios. "Vivemos essa relação injusta da divisão dos tributos no Brasil, por isso que há uma luta pelo pacto federativo porque o governo federal monopoliza tudo. É preciso que mude essa situação e enquanto isso não mudar temos que buscar nossos meios e andar com as próprias pernas", disse Carlos Eduardo. Do Imposto de Renda declarado pelos natalenses, por exemplo, só retorna para a cidade 23,7% e o restante segue para o Governo Federal.

A bancada governista é composta por 20 vereadores e 15 deles participaram de uma reunião com o prefeito na última quinta-feira, quando o chefe do Exe-



▶ Carlos Eduardo (PDT): "Precisamos cobrar a dívida ativa e não há razão para criar polêmica"

cutivo pediu agilidade na apreciação do projeto de lei que recupera créditos provenientes da Dívida Ativa do Município argumentando que o desequilíbrio orçamentário do se acentua mês a mês, pois as receitas não acom-

panham as crescentes despesas. De acordo com as previsões feitas pelos técnicos da Secretaria Municipal de Tributação, Natal vai arrecadar em 2015 o mesmo que no ano passado.

"Expliquei aos vereadores que

há dois anos assumimos uma cidade falida e dois anos depois lutando para recuperar a cidade nos deparamos com uma crise nacional de reflexo direto nos municípios. Então a gente precisa cobrar o que se deve à Prefei-

tura que já administra com muita austeridade suas finanças", diz. O engajamento da máquina foi uma das primeiras iniciativas para equilibrar financeiramente as finanças municipais, mas segundo o prefeito, é preciso buscar outras saídas porque esta já está no limite.

Já foi realizada uma reforma administrativa, eliminando gastos com a extinção de secretarias, autarquias, cargos comissionados, funções gratificadas, além da de todos os contratos da prefeitura, locação de automóveis e celulares. "Agora precisamos cobrar a dívida ativa e não há razão para criar polêmica em torno de algo que é direito do município cobrar o que lhe é devido", diz.

A celeridade na cobrança da dívida é também uma reivindicação do Sindicato dos Servidores do Município (Sinsenat) que reivindica a Câmara acrescentar uma emenda estabelecendo como prioridade a aplicação desses recursos para o cumprimento da lei da data-base e da criação das carreiras específicas, evitando dessa forma futuras greves.

PROJETO SEGUE MESMO PADRÃO DA COBRANÇA DO GOVERNO

O projeto de lei que estabelece novos critérios para a inscrição e cobrança administrativa e judicial dos créditos tributários e não tributários segue os mesmos moldes adotados pelo governador Robinson Faria para cobrar a dívida ativa do estado com o aval e sem qualquer dificuldade da Assembleia Legislativa que prontamente aprovou a matéria no início do ano.

Assim como no âmbito estadual, o projeto autoriza o poder Executivo a firmar parceria com instituição financeira para que sejam realizadas as cobranças, recebendo um percentual a ser definido através de contrato. Mediante decreto, Também fica autorizado a rever valores e critérios estabelecidos no próprio texto em questão, de modo a autorizar o não ajuizamento, a desistência e a extinção das execuções fiscais pela Procuradoria.

O projeto estabelece novos valores mínimos para o ajuizamento de ações de Execução Fiscal pelo Município, podendo fazer com que cerca de 30 mil ações deixem de ser ajuizadas e outras 20 mil em tramitação sejam arquivadas,



▶ Carlos Castim vai à Câmara detalhar projeto a vereadores

das, após desistência por parte do Município. O projeto prevê também, dependendo do caso, a redução de até 80% do débito para pagamentos a vista e multa em outras situações.

Também fica autorizada a realização de acordos judiciais que envolvam valores de até R\$ 500 mil por ação. Os valores das dí-

vidas a serem pagas ao município variam de R\$ 200,00 a R\$ 20 milhões, distribuídas em mais de 100 mil processos que estão abarrotando os escaninhos do judiciário e dos procuradores. Além disso, diz, o custo individual de cada processo é de R\$ 3,7 mil, ou seja, o município acaba gastando mais para cobrar do que tem a receber.

PROCURADOR VAI SE REUNIR COM VEREADORES PARA EXPLICAR PROJETO

Amanhã, o procurador-geral do Município, Carlos Castim, se reunirá com os vereadores para esclarecer o projeto. A intenção é evitar que se repita o que ocorreu no final do ano passado quando o prefeito pediu para retirar o projeto da pauta da convocação extraordinária se em virtude da polêmica que se formou em torno dele e do proje-

to de Lei que altera o Código Tributário do Município.

Para o vereador Ubaldo Fernandes (PMDB), presidente da Comissão de Finanças, Orçamento e Fiscalização do Município, ocorreu naquele momento uma confusão entre os dois projetos. "Na verdade as maiores críticas eram para a reforma do código tributário. São proje-

tos que mexem com finanças e gerou este problema. Mas o projeto será debatido e é muito claro. Vai ajudar na arrecadação e cobrar de forma devida a quem deve. Não acredito que seja rejeitado pelos vereadores que estão comprometidos com o desenvolvimento da cidade que precisa recuperar suas finanças", diz o vereador.

OPOSIÇÃO CHAMA PROPOSTA DE "LEI DO ROBIN HOOD DOS RICOS"

Os opositores chamam a proposta de "Lei do Robin Hood dos ricos", uma alusão contrária ao conto do herói inglês que roubava da para doar aos pobres. A maior desconfiância está no artigo 19 do projeto de lei. Neste dispositivo do texto, o poder Executivo autorizado, em caráter excepcional e pelo prazo de 20 dias a contar da publicação da lei, a reduzir em até 80%, exclusivamente para pagamentos à vista, as multas decorrentes de auto de infração, previstas no artigo 86 da Lei 3.882/89, vedado qualquer outro tipo de desconto sobre o tributo a ser recolhido. A Lei 3.882/89 é o Código Tributário do Município e o artigo 86 traz uma série de multas e valores a serem cobrados que variam de R\$ 134,61 a R\$ 1.121,73.

A justificativa é de reduzir



▶ Sandro Pimentel, críticas

o valor das multas por autos de infração de qualquer valor para estimular o pagamento das mesmas, inclusive com artifícios legais previstos no próprio código tributário ou em leis específicas da área de origem do

débito. Para o vereador Sandro Pimentel (PSOL), é preciso debater a forma de cobrança junto a uma reforma tributária que o prefeito tende a fazer. "A gente precisa analisar as duas coisas juntas, mesmo que sejam projetos separados porque têm a mesma finalidade. Eu prefiro discutir de modo geral, integrando a proposta. Se for para cobrar dos pequenos e perdoar os grandes eu reprovarei do mesmo jeito", diz o vereador.

A oposição acredita que o prefeito pretende perdoar a dívida de grandes devedores e cobrar a dos menores, mas o ele nega. "Não existe essa de perdoar a dívida dos grandes. Isso é desinformação de quem não leu atentamente o projeto. A dívida está lá e inscrita, não tem como suprimir. O que não pode é deixar de cobrar", adverte.

CONVÊNIO PARA COBRANÇA É CONSIDERADO POLÊMICO

Outro fato controverso é que o Projeto permite que a Procuradoria Geral do Município firme convênios com pessoas jurídicas públicas ou privadas visando à contratação de apoio técnico e operacional para a cobrança administrativa dos créditos inscritos em Dívida Ativa não judicializados e receba honorários por este serviço realizado por terceiros.

Os parlamentares e as entidades como o Sindicato dos auditores fiscais chamaram a atenção para o fato de que qualquer débito inscrito em Dívida Ativa já conta com um acréscimo automático de 10% a título de honorários, acréscimo que ocorre sem que nenhuma ação tenha sido impetrada



▶ Raniere Barbosa defende projeto

pela Procuradoria, onerando o contribuinte apenas por a dívida ser inscrita em Dívida Ativa. Na opinião do líder do pre-

feito, vereador Raniere Barbosa (PDT), o problema apontado pelo Sindicato dos Auditores Fiscais já está superado, graças à sanção do Código Civil do Município.

"Isso causava certa insegurança jurídica porque não ficava claro de onde seria o dinheiro dos honorários e agora é certo que não vai onerar o município porque quem paga por eles é parte que perde o processo, ou seja, os devedores. É importante destacar que o que se arrecadar vai se reverter em obras, melhorias dos serviços. A maioria das capitais já aprovou a lei da dívida ativa e Natal vai precisar aprovar por uma questão de necessidade", diz Raniere.

Opinião

► rodaviva@novojornal.jor.br

RODA VIVA

CASSIANO ARRUDA CÂMARA

TROPA NA RUA

O treinamento da tropa brasileira que vai compor a Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti começa, neste domingo, nas ruas de Natal e vai até quinta-feira, na fase prática que encerra todo o ciclo de preparo do contingente que segue em missão, no dia 13 de Maio. O fato está sendo noticiado para que as simulações, que serão feitas em diferentes pontos, não pegue a população de surpresa;

DOIS ESQUECIDOS

Nas homenagens prestadas pelo Jornal Nacional a quem ajudou a construir a liderança da Rede Globo, é preciso registrar – pelo menos – duas omissões imperdoáveis: a morte dos repórteres Luiz Eduardo Lobo e Samuca Wainer, mortos em dois acidentes em junho de 1984. Lobo na queda de um avião fretado pela Petrobrás que reuniu a imprensa para documentar o início da exploração de petróleo na Bacia de Campos, e Wainer, num acidente de carro, quando ia cobrir o acidente que matou o colega. Lobo, filho de Luiz Lobo, fundador da Faculdade de Jornalismo de Natal; Samuca filho de Samuel Wainer, fundador do jornal Última Hora, e da jornalista Danusa Leão.

CARROS EM MINIATURA.



Para quem gosta de carros em miniaturas. O Sesc/Ponta Negra oferece, neste domingo, um prato cheio: a 3ª Exposição Diecast. Diecast é o nome próprio das miniaturas, de diferentes modelos, que atraem curiosos em todo o mundo, em razão da variedade dos carinhos em diferentes escalas, fabricados por fundição. O organizador do evento, Luiz Melício pretende organizar um calendário de exposições a ser cumprido até o final do ano.

60 ANOS

Neste domingo, na avenida Vieira Souto, muita festa para marcar o 60º aniversário do norte-riograndense Ricardo Farias, empresário, há mais de quinze anos radicado no Rio de Janeiro, sendo presença destacada no exclusivo Coutry Club.

CÍRCULO DE GIZ

Fugir do círculo de giz que tem impedido os nossos governantes a irem além do pagamento da folha de pagamento e dos compromissos inadiváveis do custeio da máquina governamental é um enorme desafio que se coloca para o governador Robinson Faria, do mesmo jeito que os seus antecessores mais imediatos tiveram de enfrentar. Imaginar, pois, uma política de desenvolvimento econômico – de médio e longo prazo pela própria natureza – termina se transformando em algo inatingível e, por isso mesmo, relegado a um plano futuro, enquanto as energias continuam direcionadas para esse tipo de varejo. E, quando se faz necessário uma tomada de decisão nesses outro contexto, existe sempre o risco de serem feitas opções equivocadas.

Com uma agravante: O governador Robinson Faria, a exemplo do que fez a sua antecessora, resolveu importar um Secretário de Desenvolvimento Econômico. Rosalba trouxe Benito Gama, da Bahia, que havia exercido essas mesmas funções no seu Estado, quando grandes empresas ali se instalaram, inclusive no início de um polo de indústria automobilística. Sem conhecer a nossa realidade econômica, Gama gastou parte do seu tempo em conhecer a realidade da nossa economia, e quanto resolveu retornar ao seu Estado para disputar a última eleição (se elegendo Deputado Federal) ainda não conhecia nem a aldeia nem – muito menos – os seus caboclos. No atual Governo, quando foi anunciado o secretariado, o cargo permaneceu vago, até o anúncio de que o Secretário seria importado do Paraná, sr. Paulo Roberto Cordeiro, que, no seu prontuário tem uma passagem pelo Banco do Estado e da antiga telefônica estatal paranaense. Registre-se que foi nessa época que aquele banco tornou-se o epicentro de um primeiro grande esquema de lavagem de dinheiro e transferências irregulares de recursos para o exterior, em operações que se tornaram precursoras da “Lava a Jato”, que ali se desenvolve, justamente por esta razão. Há quase dois meses no cargo, o secretário não se dignou ainda a dizer a que veio ou se conhece qualquer iniciativa que ele tenha feito para atrair investidores.

Nesse ínterim, o Governador do Estado foi pessoalmente buscar investidores, aceitando o convite do jornalista e empresário João Dória, para ser palestrante no Fórum de Camandutuba, quando se reúnem todos os anos algumas das principais expressões do PIB brasileiro, além de lideranças políticas. Trata-se de uma atuação elogiável sob todos os efeitos. Que, certamente não oferece resultados imediatos. O fato do RN não estar ausente já se contabiliza como importante.

Difícil de entender é o tratamento dispensado a quem já está investindo no Rio Grande do Norte, como foi o caso de um grupo de investidores asiáticos, que já vem investindo, já há algum tempo, em diferentes áreas aqui no Estado e não conseguiu ser recebido por ninguém do governo, apesar de muito ter sido tentado (tal grupo não pleiteia nenhum favor e já internou aqui mais de R\$ 200 milhões). Os investidores não perderam totalmente a viagem ao Brasil porque, sabendo da presença deles em Natal, o Governo do Estado de Pernambuco disponibilizou um jatinho para que eles fossem conhecer as oportunidades que podem desfrutar onde existe uma economia muito mais diversificada e pujante. Certamente que este é só um exemplo isolado, mas merece referência por demonstrar as dificuldades colocadas diante do governo – deste e dos que o antecederam – no momento de atuar com particulares, que movimentam a economia, como é o caso das empresas que são beneficiadas pelo Progas e que já haviam incorporado o preço desses combustíveis nas suas planilhas de custos. Algumas há vinte anos. E, pelo que se sabe, o contrato de fornecimento de gás termina quinta-feira. Como se vê, a administração pública vai além do imediatismo, como a vida não se restringe ao que é retratado na blogosfera, cada vez mais influenciadas por infonautas de aluguel (contra ou a favor).



DO VEREADOR LUIZ ALMIR AO ASSUMIR A PRESIDÊNCIA DO PARTIDO VERDE EM NATAL, QUANDO LHE PERGUNTARAM PELO FUNDO PARTIDÁRIO.

“De fundo só respondo pelo meu, de 63 anos”.

ZUM ZUM ZUM

- Um concerto popular da Orquestra Sinfônica do RN, no fim da tarde deste domingo, marcará o 10º aniversário do shopping Midway Mall.
- Thais Galvão estará, ao lado de Juliana Coeli e Eugênio Bezerra, no Jornal da Noite, da 95 FM, às 18 hs, a partir desta segunda-feira
- A Secretaria de Saúde de Natal

está culpando a Cosern pelo não funcionamento da Unidade de Saúde de Novo Horizonte.

- O espetáculo Infantil “Frozen: Uma aventura congelante” volta neste domingo, ao palco do Teatro Alberto Maranhão.
- Reportagem de capa da revista Veja: “Empreiteiro arrasta Lula para o meio do

escândalo”. É o escândalo do petróleo.

- Bateu a marca de 220% ao ano, a taxa do Cheque Especial, a maior desde 1995.
- Audiência Pública do Fórum Estadual de Educação, nesta segunda-feira, no auditório Angélica Moura, debaterá o Plano Estadual.
- O Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFRN promove, nesta

COMBATE ÀS DROGAS

A ida do governador Robinson Faria, quarta-feira, à Fortaleza, para conhecer o plano anti drogas implantado no Ceará, à frente de grande comitiva, podia ter sido evitada, sem nenhum prejuízo. Afinal, a Secretaria Especial de Políticas Contra Drogas do Ceará só foi criada há exatos 46 dias, neste domingo. Ao Plano Nacional de Combate às Drogas, o Ceará, só aderiu no final de 2013, chegando muito depois de Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Piauí e mais oito Estados. Sem esquecer o excelente trabalho desenvolvido aqui no RN, na área das escolas, pelo Proerd, que já funciona há mais de 13 anos, contando com o apoio da Companhia Independente de Prevenção ao Uso de Drogas, da PM, primeira do Brasil a trabalhar exclusivamente com a prevenção ao uso de drogas..

PADRE TIAGO

O Sistema Fecomércio bancou o livro, organizado pela pesquisadora Rita de Cássia, sobre Padre Tiago – Obras Sociais que contribuíram para a transformação de uma sociedade”, que vai ser lançado, nesta segunda-feira, às 19 hs, no SESC-Ler da Zona Norte. Conta a saga de um padre belga que, em 40 anos dedicados a uma missão missionária, ajudou a difundir a sua fé e promover a promoção social dos fiéis.

PORQUE MUDOU

A substituição do Presidente do Consórcio Inframérica (que administra o Aeroporto de São Gonçalo), de Alkysson Paulinelli por José Luis Manghini, aconteceu no dia em que foi anunciado o bloqueio de R\$ 134 milhões da Engevix, o sócio brasileiro na empresa, pela Operação Lava a Jato, que entrega o comando ao sócio argentino, Corporacion América, que busca um parceiro para substituí-lo.

INOVAÇÃO NA SECA

O Secretário de Desenvolvimento, sr. Paulo Roberto Cordeiro, anunciou, sexta-feira, na reunião da diretoria da Fiern, uma proposta – realmente – inovadora no combate à seca: - um projeto integrado de desalinização. Propõe que seja iniciado numa pequena cidade que seria totalmente abastecida por esse sistema e a água excedente iria para irrigação. Não esclareceu de onde virá a água salgada.

segunda-feira, mesa redonda sobre

- “Mídias, poder e democracia”.
- A Rede Globo de Televisão é a aniversariante deste domingo. Completa 50 anos.
- O governador Robinson Faria escolheu pessoalmente um nome para recuperar as Centrais do Cidadão: Eugênio Gondim.



Editor
Carlos Magno Araújo

E-mail
carlosmagno@novojornal.jor.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

Editorial

Presídio condenado

A pergunta que muitos norte-riograndenses têm feito nestas últimas semanas é: por que parece ser tão fácil para um prisioneiro escapar de Alcaçuz, um dia chamada de penitenciária de segurança máxima?

É difícil compreender como 32 homens conseguiram executar com êxito um plano de fuga que começou com um túnel cavado a partir do pavilhão 2, onde estão confinados apenas que se dizem integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC) - uma das maiores organizações criminosas do país.

Mais complicado ainda entender como a boca do túnel (local de saída dos fugitivos) foi aberta a apenas dez metros de distância de uma das guaritas da unidade penitenciária.

Pior: como aceitar que, apenas duas semanas depois da fuga, outros 34 presos conseguiram deixar Alcaçuz fazendo uso do mesmo túnel usado na empreitada anterior – a única diferença foi a boca de saída, aberta a poucos metros da primeira.

A questão é que, se para o cidadão é praticamente impossível imaginar que o maior presídio do Estado não tem condições de manter presos seus apenados, toda a força de segurança pública já tinha conhecimento de que Alcaçuz era uma bomba de pavio curto.

Este NOVO JORNAL traz hoje depoimentos do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), que esteve em Alcaçuz em 2013 e, já naquela ocasião, alertou para a facilidade que se tem em escapar dali usando um mínimo de recursos.

Alcaçuz é um problema que começou com a própria construção da unidade, edificada numa área de duna, com solo arenoso, de fácil escavação.

O projeto foi no mesmo caminho equívoco. O piso das celas, por exemplo, tem apenas 10 centímetros de cimento. Uma colher pode servir de pá para quebrá-lo. Mãos e cuias improvisadas completam o trabalho areia adentro.

O subsolo dali é tão simpático às fugas que, já há dois anos, engenheiros do CREA identificaram uma espécie de caverna, uma câmara espaçosa, por onde passam todos os túneis usados nas fugas até hoje. Uma situação “estranheira”, como define o engenheiro civil Eunélio Silva (ver reportagem em Cidades 7).

A série de rebeliões que a sociedade potiguar assistiu recentemente foi apenas o capricho do dribble dado nas forças de segurança pública. Com as celas depredadas e sem a presença dos agentes penitenciários no interior dos pavilhões, eles tiveram todo o tempo necessário para empreender as duas últimas fugas, que elevaram para 240 o número de presos que conseguiram escapar dali desde 1998, quando o presídio foi inaugurado.

Qualquer cidadão de posse dessas informações constataria o óbvio: Alcaçuz, definido como um “queijo suíço” pelo Conselho Nacional de Justiça, é um presídio condenado.

Artigo

CARLOS MAGNO ARAÚJO

Diretor de Redação ► carlosmagno@novojornal.jor.br



O jornal e os lusos

Em meio à turbulência que afeta o meio impresso, no RN e no mundo todo, a atitude dos jornais portugueses em peitar o legislativo é destas que dão orgulho e que mantêm acesa a chama – a de que nem tudo está perdido para o jornalismo, por mais que penssem o contrário.

Os nobres parlamentares lusitanos ameaçaram criar uma lei para disciplinar a cobertura jornalística das eleições de setembro, que incluía submeter todo o noticiário a uma comissão, para aprovação do conteúdo.

A coalizão reunindo os governistas do Partido Social Democrata (PSD) e do Partido Popular (CDS) e ainda o principal partido oposicionista, o Socialista, decidiu propor um projeto de lei que obrigaria meios públicos e privados de comunicação a apresentarem antecipadamente um plano de cobertura das eleições legislativas e presidenciais, incluindo limitações para emitir opiniões.

Segundo a proposta, a cobertura da imprensa seria controlada por uma comissão mista composta por integrantes do Conselho Eleitoral e da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, alguns designados pelos próprios partidos majoritários. Jornais, revistas, rádios, TVs e até sites teriam que apresentar, antes mesmo da pré-campanha, um plano de como planejavam cobrir o pleito.

Artigos de opinião não poderiam superar o espaço destinado a notícias e reportagens, os meios de comunicação não poderiam criticar apenas o mesmo partido e deveria ser aberto espaço para a exposição dos principais partidos. O descumprimento das regras geraria multas de até 50 mil euros.

Os jornais, primeiro, denunciaram o absurdo e a tentativa de censura. E depois, num gesto exemplar, se articularam: ou o projeto era esquecido ou boicotariam a cobertura. Num manifesto, defenderam a liberdade de informação e advertiram para a ameaça à democracia. Os autores do projeto, os doutos parlamentares, então, negaram a ideia, culpando um ao outro. E a péssima repercussão na sociedade está fazendo com que o projeto não siga adiante.

Nestes tempos difíceis para a imprensa e para o jornalismo, não porque são desnecessários, mas porque as facilidades tecnológicas induzem ao pensamento de que as redes sociais, por exemplo, prescindem do receituário básico – boa apuração, checagem, cuidado extremo com dados expostos e respeito às autoridades, ainda que se pratique a oposição – as ameaças são cada vez maiores.

É quando surgem os “visionários” e os semideuses, ora ditando regras que só a eles e a seus grupos interessam, ora guiando um rebanho de ovelhas. Tempos difíceis estes. Felizmente o cidadão tem hoje inúmeros meios de se informar e de se comunicar. Tanto domesticá-lo está mais difícil como já já o tempo se encarrega de separar o joio do trigo.

Tá difícil financiar seu imóvel?
Na CHB você encontra juros baixos
e crédito sem burocracia.

- Juros baixos;
- Até dez anos para pagar;
- O imóvel oferecido em garantia deverá estar regularizado na Prefeitura e cartório competente;



- Não será aceito terreno/ lote como garantia;
- Valor do crédito limitado a 50% do valor de avaliação do imóvel.

CHB | COMPANHIA HIPOTECÁRIA BRASILEIRA

4009.4800
www.chbcredito.com.br

criola



Editor

Renato Lisboa

E-mail

renatolisboa@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

TERCEIRIZAÇÃO DEIXA ECONOMIA MAIS COMPETITIVA

/ DINAMISMO / UMA DAS VANTAGENS PARA A INDÚSTRIA, DE ACORDO COM A FIERN, É SEGURANÇA JURÍDICA QUE POSSIBILITA FIRMAR CONTRATOS COM EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS E FORTALECE AMBIENTE DA LIVRE INICIATIVA

DIEGO CAMPELO
DO NOVO JORNAL

ENTIDADES LIGADAS AOS setores de comércio, indústria e serviços do Rio Grande do Norte comemoram a aprovação do Projeto de Lei 4330/04, que regulamenta a terceirização no Brasil. Para diversas instituições ligadas a esses setores, a regulamentação aprovada na última quarta-feira (22) pela Câmara dos Deputados significa mais competitividade e geração de desenvolvimento. O texto apreciado pelos parlamentares agora segue para aprovação do Senado.

A Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (Fiern), a exemplo da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e de outros organismos de defesa do desenvolvimento econômico se posiciona favorável à terceirização de qualquer atividade de uma empresa.

Atualmente só é permitida a terceirização de atividades-meio, que são secundárias, como limpeza, informática e vigilância em uma instituição. Essa permissão é regida pela Súmula 331 do Tribunal Superior do Trabalho (TST), que determina a permissão apenas para essas ocupações e proíbe a terceirização de atividades-fim.

De acordo com o presidente da Fiern, Amaro Sales, os empreendedores defendem a terceirização, ressalvados os direitos já assegurados aos trabalhadores, como uma alternativa de mercado.

“Precisamos avançar, ampliar e qualificar negócios. A terceirização regulamentada ajuda a gerar desenvolvimento. Desejamos um ambiente de negócios que apoie a livre iniciativa, o empreendedorismo, a produção e que tenha segurança jurídica”, disse o Amaro Sales.

Uma das vantagens para o setor da indústria, segundo o presidente, é segurança jurídica que possibilita firmar contratos com empresas prestadoras de serviços.

Como um caso típico de segurança jurídica para a construção civil, por exemplo, Amaro cita um mencionado em um artigo do professor José Pastore, presidente do Conselho de Empregos e Relações do Trabalho da Fecomércio-SP. Como explica o professor, quando uma construtora terceiriza os serviços de terraplenagem, concretagem e eletricidade de um prédio, ela reduz o custo de produção pelo fato de utilizar os profis-

sionais dessas áreas nos momentos necessários.

Se ela tivesse de comprar o equipamento para a terraplenagem e ainda manter em seu quadro de pessoal, com ociosidade, os profissionais mencionados, o preço final do apartamento seria exorbitante.

“As construtoras, no caso mencionado, terão segurança jurídica para formalizar os contratos necessários à sua atuação empresarial”, cita o presidente da Fiern.

Questionado se a regulamentação - uma vez que permite a terceirização de atividades-fim - aumentaria o número de postos de trabalho, o presidente responde enfático: “Seguramente”.

“No Rio Grande do Norte, em especial, acredito que vamos impulsionar a indústria do vestuário com mais empresas prestando serviços para grandes marcas e cadeias de lojas. Ademais, abrem-se horizontes importantes para setores como metalurgia, alimentos, construção civil, mineração, dentre outros”, prevê.

Amaro disse não concordar com a afirmação de que a lei da terceirização precariza as relações de trabalho ou ‘rasga a CLT’ (Consolidação das Leis Trabalhistas). Ele argumenta que existem regras que protegem o trabalhador, dentre as quais a obrigação da empresa que contrata serviços terceirizados de garantir condições de segurança, higiene e salubridade aos trabalhadores. Ele acrescenta que a empresa que contrata serviços terceirizados é obrigada a fiscalizar e exigir comprovação do cumprimento das obrigações trabalhistas e previdenciárias pela empresa contratada; ademais, quem descumprir as obrigações previstas na lei estará sujeito a penas administrativas e às multas previstas na legislação do trabalho.

“A terceirização não rasga a CLT. Ademais, nenhuma empresa vai terceirizar tudo. Há funções na empresa que jamais serão terceirizadas. A terceirização é um instrumento atual, legítimo que, regulamentado, ajudará a abrir novos frentes de empregos formais para os trabalhadores”, defende.

Com a votação concluída na Câmara, a Fiern acredita que o Senado Federal irá aprovar a terceirização. “Conhecemos a maturidade do Senado Federal e acreditamos o projeto, sendo uma medida inerente às melhorias que desejamos para um Brasil melhor, mais justo e desenvolvido, contará com o apoio dos Senadores”, diz Amaro.

Na ótica do presidente da entidade, a aprovação do PL na Câmara é “extremamente positiva, inclusive porque abre a possibilidade de discutirmos questões mais pontuais - algumas controversas - como a contratação em atividades-fim e a responsabilidade pelo recolhimento dos encargos”.

Ele diz ainda que com a aprovação em primeira instância será possível agora ampliar o debate sobre seu detalhamento. “O foco terá sempre que ser na viabilização do estímulo à geração de emprego e renda, de forma legal, ética e moral”, finaliza.



FOTOS: FÁBIO CORTEZ / NU



PRECISAMOS AVANÇAR, AMPLIAR E QUALIFICAR NEGÓCIOS. A TERCEIRIZAÇÃO REGULAMENTADA AJUDA A GERAR DESENVOLVIMENTO”

Amaro Sales

Presidente da Fiern



É IMPRESCINDÍVEL QUE A SEGURANÇA E OS DIREITOS TRABALHISTAS NÃO SOFRAM PERDAS”

Augusto Vaz

Presidente da CDL

DECISÃO DE TERCEIRIZAR SERÁ ESTRATÉGICA AO EMPRESÁRIO

A Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL Natal) também considera interessante o Projeto de Lei que regulamenta a terceirização no Brasil, uma vez que proporcionará a eficiência das empresas e dos serviços. No entanto, para o presidente da entidade, Augusto Vaz, “é imprescindível que a segurança e os direitos trabalhistas não sofram perdas”.

A respeito da terceirização especificamente de atividades-fim, conforme o que foi aprovado pelos deputados, o presidente da CDL considera que a decisão é estratégica de cada empresário, que deverá estudar o funcionamento institucional para saber se vale a pena

terceirizar as atividades principais da empresa.

Embora o setor lojista não tenha histórico de grandes serviços terceirizados, Augusto Vaz diz perceber que nas atividades de segurança e limpeza, por exemplo, “a terceirização vem funcionando muito bem”.

Como uma possível vantagem para o setor lojista ele cita a ampliação dos serviços com pessoas especializadas e já treinadas para determinadas atividades. “O lojista não vai ter que capacitar a pessoa, ela já vem pronta”, prevê.

Diferente de Amaro Sales, o presidente da CDL acredita que o

PL não vai interferir no volume de contratações no mercado de trabalho, mas que na verdade será uma nova forma de se contratar, onde o serviço estará mais em evidência. “A empresa contratante busca o serviço e a terceirizada é que vai escolher, digamos assim, a pessoa a prestar esse serviço”, explica.

Para ele, a terceirização não precariza as relações trabalhistas, já que a empresa contratada tem de pagar todos os direitos trabalhistas e dar a segurança ao trabalhador. O que fica mais evidente no projeto, segundo ele, é a qualificação do trabalhador e do serviço por ele realizado.

ENTIDADES NÃO VEEM DESVANTAGEM NO PROJETO

Embora diversas centrais sindicais reclamem do PL 4330 e temam uma possível precarização das relações trabalhistas, as entidades do comércio e indústria não enxergam desvantagem na aprovação da matéria.

O principal temor relacionado à terceirização entre os trabalhadores estaria relacionado principalmente ao não recebimento das verbas trabalhistas devidas pelas terceirizadas; à perda de direitos relacionados às condições de trabalho; ao recolhimento da seguridade social; ao encolhimento dos salários.

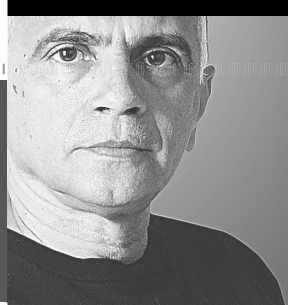
Conforme revela um estudo da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o trabalhador terceirizado tem maior rotatividade no mercado e permanece 2,6 anos a menos no emprego em comparação com o trabalhador contratado diretamente. Além disso, têm uma jornada de trabalho que é de três horas a mais por semana e recebem em média 24,7% a menos.

Para o presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), Augusto Vaz, não existe desvantagem no projeto de lei, “pois as empresas terceirizadas têm de garantir os direitos e segurança dos funcionários”. Ainda segundo ele, os trabalhadores terceirizados têm os mesmos direitos que os funcionários contratados diretamente variando de acordo com o que é estabelecido pela CLT em cada profissão.

“Acreditamos que será aprovado também no senado e isso é visto como benéfico para as empresas, uma vez que vai fomentar a eficiência nos serviços”, ressalta.

Conforme a opinião do presidente da Fiern, Amaro Sales, “é um projeto onde todos ganham”. Ele prevê que a partir da regulamentação, a clareza das regras possibilitará melhor atuação dos órgãos públicos responsáveis pela fiscalização das relações do trabalho.

“A terceirização não é mero fornecimento de mão de obra. A empresa contratada é obrigada a prestar o serviço específico e apresentar, para tanto, qualificação técnica e capacidade econômica compatível com os serviços a serem prestados”, reitera Amaro Sales.



Uma utopia para Natal (1/2)*

EM 1979, AO ser convidado pelo professor Cláudio José Emerenciano para chefiar o Núcleo de Criatividade de que seria criado na Fundação José Augusto, lá encontrei Deífilo Gurgel como diretor cultural, em cujo cargo permaneceu por uma geração, salvo engano, sempre privilegiando a cultura popular rural em detrimento da cultura popular urbana que ascendia no cenário nacional da época.

Ainda muito jovem (tinha 27 anos então) e cheio de esperança e idealismo, além de achar-me antenado com a cultura contemporânea, logo percebi que o Núcleo de Criatividade não passaria de mais uma convenção e, para não me frustrar diante da possibilidade de contribuir para a implementação de um novo azimute, dediquei-me a pensar sobre projetos que me pareciam mais exequíveis, pois dependeriam mais do meu desejo de fazer do que da possível colaboração do meu chefe imediato, sempre às voltas com os seus próprios interesses e com o resgate do romanceiro ibérico sobrevivente na memória coletiva da nossa gente. A muito custo consegui emplacar a instalação da Oficina de Gravura Rossini Quintas Perez [considerado no estrangeiro um "maître graveur"], nascido em Macaíba e então um nome inteiramente desconhecido aqui, até, por aqueles que se jactavam de "fazer cultura" em seus gabinetes. Inaugurada com recursos da Fundação Nacio-

nal de Arte, graças ao apoio que conseguiu obter da diretoria da Instituto Nacional de Artes Plásticas [INAP], um departamento da Funarte - do qual faziam parte pessoas do meu relacionamento pessoal que se dispuseram a destinar a verba necessária ao empreendimento -, por algum tempo a Oficina cumpriu os seus objetivos, contribuindo para a difusão de técnicas de gravura, até o seu melancólico desaparecimento sob a presidência do jornalista Woden Madruga, alvo então de muitas críticas dos artistas que criticavam sua gestão autoritária e discriminatória. A propósito, segundo minha concepção, a Oficina Rossini Perez - como ficou conhecida - seria apenas o braço educativo de um projeto maior, a Pinacoteca do Estado, instalada de maneira oficiosa ao tempo da calamitosa presidência de Valério Mesquita, sucessor de Emerenciano, gestor católico que costumava promover missas do arcebispo Dom Nivaldo Monte nas dependências da Fundação José Augusto, sem consideração pelo credo alheio, como é de praxe nessa teimosa "fazenda iluminada", segundo a espirituosa definição do jornalista João Machado em seu "curriculum" radiofônico de todos os dias. A Oficina Rossini Perez foi inaugurada na manhã em que Emerenciano deixava o cargo em consequência da mudança no acordo político entre Alves e Maia. Fui demitido em 1985

por Valério Mesquita, em justa causa" [conforme o documento assinado por ele] ou, segundo comentavam os meus colegas, por que eu costumava questionar decisões que me pareciam equivocadas, quando não estapafúrdia, como a imposição de ações muito distantes dos anseios dos que produziam cultura. Dois ou três meses depois da demissão, Valério ainda tentou achar uma justificativa para o fato, na tentativa de minimizar a péssima repercussão do arbítrio nos meios culturais do país, o que apenas enfatizou aos olhos de todos o miserê de sua gestão que não diferiu do que temos visto aqui, antes e depois.

Mas, voltemos ao tema destes dois artigos, escritos a propósito de algumas notas redigidas 30 anos depois, que acabo de encontrar em meio aos papéis de meu arquivo que registram um pouco mais de 40 anos como protagonista e observador da cultura local que se faz por surto e atabalhoadamente sem planejamento e sem consideração às exigências de qualidade que devem estar presente em tudo.

Já nesse tempo de minha primeira passagem pela Fundação José Augusto, pensava Deífilo na formulação de um projeto voltado para a exploração das potencialidades de Natal como opção obrigatória do turismo natalino. Descortinava assim a perspectiva de um novo tempo para o turismo, o turismo de evento, numa

época em que entre nós era o turismo ainda embrionário e restrito ao desfrute do litoral, que parece estar se esgotando, pois há em toda parte praias tão mais belas que as nossas e, portanto, faz-se necessária a criação de opções capazes de atender uma demanda reprimida por falta de novas idéias, sobretudo no capital mais valioso de Natal que vai além de sua geográfica - o nome, riquíssimo de possibilidades e, por que não dizer, sobrecarregado de simbolismo cristão.

Trinta anos depois, ao retornar a Fundação em janeiro de 2013 para dirigir a Pinacoteca que idealizara, para ter o que fazer em vez de apenas receber o magro salário no fim do mês, senti-me no dever de ir além de minhas atribuições na Pinacoteca, colaborando com a secretária de cultura para que a sua gestão fosse eficaz e não apenas midiática e fadada ao esquecimento, pois os eventos - como bem o disse o atual presidente da Fundação José Augusto, "é vento" - se esgotam no próprio esforço de existir. Cultura, pelo menos a boa cultura, aquela que fica porque é conhecimento, vai muito além da festa momentânea, que pode ser brilhante, mas passa e é esquecida. Em apenas seis meses no cargo - pedi demissão em 17 de julho daquele ano -, enxugando gelo e esforçando-me com a equipe que forjei com o discernimento que Deus me deu - uma equipe pe-

quena em número, mas de qualidade, experiente e cheia de idéias, como ficou demonstrado em ações como o Dia da Poesia em 14 de março de 2013 - para fazer com que a secretária se detivesse, primeiro, na reestruturação de uma instituição que caducara, valorizando os talentos e não apenas distribuindo benesses a sanguessugas que no curso dos anos tem secado a nossa cultura. Ora, nada se faz de bom e belo sem consideração pelos recursos humanos. Somente depois é que vem os projetos e sua execução. Nenhuma boa idéia prospera sem respeito aos servidores, o que significa dizer, sem oferecer-lhes as condições adequadas para que o trabalho seja eficaz. O resultado dessa cultura negativa se faz notar pelos sucessivos fracassos de empreendimentos, gerados, em grande parte, apenas para inspirar a produção de releases que tem como fim colocar os gestores em evidência, na suposição de que eles fazem alguma coisa.

Assim, a equipe da Pinacoteca do Estado que tive a honra de dirigir por duas vezes, achou por bem contribuir com sugestões que nos pareciam pertinentes e de cuja falta se ressentia a Fundação José Augusto, uma instituição que historicamente - sobretudo a partir dos governos da Família Maia - tem feito a caveira da cultura no Rio Grande do Norte.

*Continua no próximo domingo.

Plural

FRANÇOIS SILVESTRE

Escritor ▶ fs.alencar@uol.com.br



François Silvestre escreve
nesta coluna aos domingos

O tempo, os tempos e suas medições

Quem caça o tempo, para medi-lo ou compreendê-lo, sujeita-se à angústia de trazer o bernal vazio.

O tempo é arisco. Indomável corcel, que não aceita sela nem se dá à montaria.

O tempo, ancestral dos nossos dias, rudimentar da vida de querer entender-se, usou a observação dos astros, no céu infindo, para situar-se. A primeira situação, no espaço, foi relativamente bem sucedida.

"Navegar é preciso, viver não é preciso" diziam os navegantes fenícios. E no destino da navegação, sem tempo para contemplanções, filosóficas ou poéticas, ocupados os dias ao comércio, à praticidade de sobreviver, eles inventaram as consoantes.

E foram as consoantes, pouco mais de vinte, que acasaladas à sonoridade vocálica do "ã" ao "u" permitiram ganhar tempo na comunicação. Era tudo uma questão de tempo.

Os sons vocálicos, herdeiros da sonoridade dos grunhidos, de nascimento nas cavernas, cuja perquirição fonética limita-se aos movimentos palatais, anteriores ou posteriores, tônicos ou átonos, não bastavam à comunicação sofisticada. Isso, no espaço do Ocidente. Juntar a eles um símbolo inventado, a consoante, foi a chegada da luz na escuridão, afugentando trevas.

E a escuridão foi fundamental à comunicação. Ela e as distâncias. Nas caverna, ao dia, a comunicação dava-se pela mímica. Bastava grunhir e gesticular. Ao escurecer, foi necessário o som organizado. Grunhir não bastava mais. Nasceu o fonema vocálico.

Depois, foi preciso buscar alimentos mais longe da caverna. Surgiu o tambor, ancestral longínquo do telégrafo.

O tempo do homem não é o conhecimento. É a sobrevivência. Conhecer das coisas foi atividade dos desocupados, artistas ou filósofos, a serviço do poder ou contra os poderosos.

Os que estiveram a serviço do poder viveram mais e tiveram vida fácil. Os que se rebelaram viveram miseravelmente, ou pouco, na angústia melancólica de uma biografia do porvir. De inútil espera.

Mas eu falava de medir o tempo. E o tempo do texto tá quase sem espaço. Passou Janeiro, homenagem a Jano, Deus etrusco, onde era porteiro, ao virar introdução aos mitos latinos. Foi-se Fevereiro, também etrusco, da purificação; februs.

E Março? Partiu. Do Deus Marte ou dos Marços, povos perdidos nas fronteiras da Galícia. Abril foi abertura, ou Afrodite, nascida da carícia da espuma. Maio, que chega apressadamente e promete fertilidade, pondo véus nas cabeças do cio, nos noivados que enfeitam o alvoreço.

Se em Maio há o cio, a Deusa Juno garante a procriação saudável. É Junho, tempo da colheita. Na terra e no ventre.

Aí chega o poder. Julho é Júlio César, trinta e um dias. Agosto é Augusto César, com dias iguais. Bastou tirar um dia da purificação febrúria. É escasso o tempo de purificar.

Os quatro derradeiros são números. Da praticidade romana, antes da reforma gregoriana. Té mais.

Conecte-se

O leitor pode fazer a sua denúncia neste espaço enviando fotografias

▶ cartas@novojornal.jor.br



twitter.com/NovoJornalRN

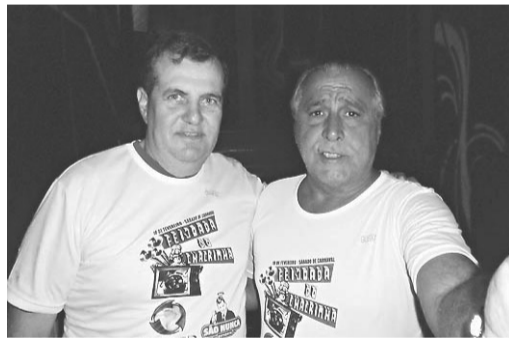


facebook.com/novojornalrn

novojornal.jor.br



Chacrinha



Tentando levar os bastidores da história aos leitores. Primafacie registro, todos citados vascaínos radicais e chatos, (rs). Há 19 anos através do conselho aposentado do TC municipal do RJ dr. Sérgio Cabral (pai) conheci os irmãos Nanato (in memoriam a 4 meses) e Leleco Barbosa (foto). Eles são filhos de Abelardo Barbosa, o inesquecível Chacrinha. Sempre nos encontramos no late club onde tem a cada tres meses a feijoada do Chacrinha que reúne amigos do Velho Guerreiro para falar nele, tomar chope, assistir no telão seu programa e toda renda revertida para instituições de caridade. Ele iniciou na tv Tupi, depois foi para a tv Globo e em 1972 deixou a emissora após um desentendimento com José Bonifácio Sobrinho e após dez anos voltou convidado pelo próprio Boni e ficou até morrer em 1988 vitimado por câncer de pulmão. Impressionante como Chacrinha era querido por todos. Na feijoada muitos cantores vão e se emocionam agradecidos pela oportunidade, espaço e prestígio que ele deu e nunca pediu nada. Lá já ouvi muitos depoimentos emocionados como de Sandra de Sá, Hebert Viana, Alcione, Beth Carvalho, Fábio Jr., Xuxa, Fagner, Zé Ramalho, Erasmo Carlos

(estou devendo a ele um almoço, aposta jogo de domingo passado Flamengo x Vasco, todavia quem devia pagar era o árbitro, risos) e tantos... Chacrinha era amigo dos amigos, extrovertido, gozador e era chamado por dr. Roberto Marinho de "pornográfico social" (rs). Mas relatam os amigos. "O Abelardo era temperamental, pouca paciência, meio ranzinza, homem de poucas risadas e muito exigente e centralizador em seu programa, se não fosse isso era nota 20, porque foi nota 10". Caro leitor, é de não acreditar né não? Na última feijoada em uma roda grande ouvi Lima Duarte contar que estava almoçando com ele no Albericus em Ipanema e um bêbado na mesa do lado perguntou cinco vezes se ele era Chacrinha porque estava diferente do que ele via na tv. A esposa do chato disse: "Amor, é ele sim, deixa de ser teimoso" e quando o cara perguntou mais uma vez ele respondeu: "A minha pode até ter dúvidas, mas a sua esposa já sabe". O cara foi embora (rs). Ele passou muito por essas situações. O maior amigo dele no RN era o ex-senador Jessé Freire, me disse Leleco. Outra coisa que parece inacreditável até pela aparência, ele nunca teve outro tipo de relacionamento com as chivetes a não ser o profissional. Eu e milhões de brasileiros tivemos na nossa infância e adolescência e os adultos uma obrigação nas tardes dos sábados, assistir o Cassino do Chacrinha, com os bacalhaus (que surgiu a idéia pelo seu amor ao Vasco), suas abacaxis, sua buzina expulsadora, enfim um programa que sempre vai ser assistido e ... contrariando a máxima que ninguém é insubstituível, afirmo que assim como: Zico, Pelé, Gonzagão, Garrincha, Walt Disney, John Lennon, Winston Churchill, Aluizio Alves, acho muito difícil aparecer outro Chacrinha.

Cid Montenegro,
Por e-mail

Editorial

O editorial de hoje (sexta-feira, 24) do NOVO JORNAL falou tudo que eu queria. Quando temos dois animais, um gato e um cachorro, circulam livremente pela penitenciária de Alcaçuz temos a certeza de que nosso sistema prisional está falido. Às vezes, tenho a impressão de haver o "dedinho" de alguém para os presos darem um "pinote".

Gian Victor,
Pelo Facebook

Aeroporto

Enquanto não se estabelece uma prioridade, de ter uma linha de VLT, entre o Bairro Nordeste e Igapó, e mais uma linha de ônibus entre Santos Reis e a Redinha, com sistemas sobre trilhos e sobre rodas, de transportes com: conforto, comodidade, regularidade e pontualidade. Outros procuram por via aérea criar um voo para ligar Natal (NAT) à Miami (MIA) e Buenos Aires (EZE).

Roberto Cardoso,
Pelo Facebook

NOVO JORNAL

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS

IVC

Diretor Cassiano Arruda Câmara
Diretor Administrativo Lauro Jucá
Diretor Comercial Leandro Mendes
Diretor de Redação Carlos Magno Araújo

Telefones
(84) 3342-0369 / 3342-0358 / 3342-0380
E-mails
redacao@novojornal.jor.br / pauta@novojornal.jor.br / comercial@novojornal.jor.br / assinatura@novojornal.jor.br
Para assinar (84) 3342-0374

Endereço
Rua Frei Miguelinho, 33, Ribeira
CEP 59012-180, Natal-RN
Representante comercial
Engenho de Mídia - (81) 3466.1308



Editor

Moura Neto

E-mail

mouraneto@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

ALCAÇUZ, IMPRÓPRIA PARA USO

/ SENTENÇA / OUIDOR DO CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO NORTE, EUNÉLIO SILVA APONTA AS DEFICIÊNCIAS ESTRUTURAIS DA MAIOR PENITENCIÁRIA DO ESTADO E DIZ O QUE DEVERIA SER FEITO PARA TORNÁ-LA SEGURA



NEY DOUGLAS / NU

ADALBERTO BARROS
DO NOVO JORNAL

O **PRESÍDIO ESTADUAL** de Alcaçuz, em Nísia Floresta, município da Grande Natal, foi construído em área imprópria para prestar o serviço de custódia de detentos. A análise é do engenheiro civil Eunélio Silva, ouvidor do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Rio Grande do Norte (CREA), que aponta para a necessidade de medidas urgentes para garantir maior segurança à unidade prisional, que já enfrentou duas rebeliões e duas fugas, com 66 presos à solta, em apenas 45 dias.

"Eu estive em Alcaçuz há dois anos. Fui prestar uma consultoria no serviço de resgate de dois presos que morreram soterrados. Eles estavam tentando escapar por um túnel, mas o terreno cedeu", conta Eunélio Silva. Ele ressalta que a estrutura do maior presídio estadual não deveria ser instalada em uma área de duna, com o tipo de solo arenoso. "A granulometria é de fácil desagregação. Quebrando a laje e alcançando este tipo de solo, os presos podem escavar túneis até mesmo com as mãos", afirma.

Eunélio diz ainda que os problemas de Alcaçuz decorrem da ausência de manutenção da unidade. "A situação se tornou ainda mais crítica com as recentes rebeliões. A superlotação e as deficiências estruturais facilitam a ocorrência de fugas. Vale lembrar que o detento não colabora para a manutenção do presídio. Ele quer escapar", ressalta.

O engenheiro civil lembra que encontrou sob o solo do hall central do presídio uma espécie de caverna. A câmara foi descoberta logo após o soterramento dos presos que tentavam escapar. "Foi uma cena estupefacente. Encontrar uma caverna abaixo do presídio é uma situação muito complicada", afirma.

A SUPERLOTAÇÃO E AS DEFICIÊNCIAS ESTRUTURAIS FACILITAM A OCORRÊNCIA DE FUGAS. VALE LEMBRAR QUE O DETENTO NÃO COLABORA PARA A MANUTENÇÃO DO PRESÍDIO. ELE QUER ESCAPAR"

Eunélio Silva,
Engenheiro civil



► Presídio Estadual de Alcaçuz, em Nísia Floresta: palco de duas rebeliões e duas fugas, com 66 presos à solta, em apenas 45 dias



ARGEMIRO LIMA / NU

► Inaugurado em 27 de março de 1998, o Presídio Estadual de Alcaçuz já registrou 240 fugas, segundo levantamento do NOVO JORNAL



ARGEMIRO LIMA / NU

Apesar das críticas ao uso da região de dunas, na comunidade de Alcaçuz, em Nísia Floresta, ele faz uma defesa do poder público em relação à escolha do local de construção do presídio. "Sabemos das dificuldades de a sociedade aceitar a construção de uma penitenciária em áreas urbanas. Estamos passando por um problema semelhante hoje", diz ele, comentando sobre o projeto de edificação de um novo presídio na cidade de Ceará-mirim, criticado pela população local e prefeituras vizinhas.

O presídio de Ceará-mirim,

com previsão de comportar até 600 presos, tem custo previsto de R\$ 14 milhões. Os recursos estão garantidos e o projeto arquitetônico também está finalizado, mas as dificuldades relacionadas ao uso do terreno estão atrasando o início da licitação, segundo informações do Governo do Estado.

Ainda sobre Alcaçuz, para evitar novas fugas, Eunélio Silva sugere que seja feito um reforço na cobertura de concreto no piso das celas. "O concreto precisa ser de alta resistência e com uma espessura que impeça qualquer escavação", detalha. Para a adoção de

medidas urgentes, ele indica a instalação de uma coluna de estacas em todo o perímetro do presídio. A linha de proteção, de concreto armado, impediria que túneis alcançassem a áreas externas.

As estacas, segundo Eunélio Silva, precisam ficar a uma profundidade de 15 metros. "A explicação é que os túneis escavados pelos presos, em sua grande maioria, ficam a uma profundidade de até cinco metros. Quanto mais profundo, maior o risco de desabamento e menor a quantidade de oxigênio", afirma.

Ele também aponta para a ne-

cessidade de melhorar a vigilância das áreas externas do presídio. Alcaçuz tem hoje onze guaritas, mas elas apresentam ângulo de visão de até 90°. "Cria pontos cegos para os agentes que fazem a guarda e facilitam a vida de quem quer fugir", frisa.

Para as próximas unidades prisionais, o engenheiro sugere que o terreno escolhido seja argiloso ou mesmo de laterite (piçarro). Além disso, as celas devem ser suspensas, como acontece nos presídios dos Estados Unidos. "São medidas que impediriam fugas constantes", detalha.

"FALTA DE TUDO"

Desde que foi inaugurado, em 27 de março de 1998, no governo Garibaldi Filho, o Presídio Estadual de Alcaçuz já registrou 240 fugas. O número não oficial. Trata-se de um levantamento feito pelo NOVO JORNAL através de reportagens da imprensa. De qualquer forma é um indício de que a estrutura não oferece segurança para abrigar presos. As razões são evidentes: superlotação, solo arenoso e fácil de ser escavado, estrutura precária e uma recorrente deficiência de servidores.

A ex-diretora de Alcaçuz Dinorá Simas, que deixou o cargo na última quinta-feira, falou ao NOVO JORNAL das dificuldades enfrentadas ao administrar a principal unidade prisional do Rio Grande do Norte. "A estrutura é precária. Nunca recebeu uma reforma e sempre temos alguma coisa faltando", diz. Ela reforça a explicação do engenheiro do CREA sobre a fragilidade da estrutura para abertura de túneis de fuga. "O piso de concreto tem pouco mais de um palmo. Bastou quebrar esta laje e os presos têm acesso ao terreno arenoso", diz. A diretora explica como os presos quebram com tanta facilidade



ARGEMIRO LIMA / NU

► Dinorá Simas, ex-diretora de Alcaçuz: "A estrutura é precária, nunca recebeu uma reforma"

o piso da cela. "Eles produzem um ponto de calor e depois resfriam. Realizam este procedimento várias vezes até fragilizar o concreto e abrir um buraco", conta.

Dinorá Simas relata ainda que, com as recentes rebeliões ocorridas no presídio, resultando em quatro pavilhões destruídos, as celas não têm grades. Ou seja, os pre-

tos estão soltos dentro da unidade desde o dia 11 de março. "Os detentos, hoje, administram Alcaçuz e podem fugir a qualquer momento", diz.

A diretora conta que os internos estão circulando livremente pelas alas do presídio e neste momento podem estar escavando novos túneis. A unidade tem capacidade para receber até 620 presos, mas hoje comporta 898 apenados. Para conter este contingente, a direção do presídio tem apenas sete agentes penitenciários por turno de serviço. No entanto, a estrutura carcerária deveria ter 25 agentes.

Para complicar ainda mais a situação, os agentes penitenciários não têm material de trabalho para o serviço. Há cinco anos, de acordo com a direção e servidores, a unidade não recebe qualquer tipo de munição não letal, como bombas de gás lacrimogêneo, gás de pimenta e balas de borracha. "Nós temos pistolas automáticas para o serviço. Não posso trabalhar assim. Vou ter de matar um preso para conter uma confusão ou entrar numa cela?", indaga um agente, que preferiu não se identificar.

GUARITAS DESPROTEGIDAS

O presídio de Alcaçuz tem onze guaritas de vigilância funcionando atualmente. O turno de trabalho é de oito horas. No entanto, a escala nunca é preenchida todos os dias. "Tem dias que temos oito guaritas, outras vezes dez, mas nunca conseguimos preencher tudo. Falta efetivo policial", justifica o tenente Thiago Felipe Ferreira de Souza, da Polícia Militar, chefe da guarda prisional em Alcaçuz.

Ele relata ainda que a estrutura foi mal planejada para a vigilância da área externa do presídio. "O ângulo de visão das guaritas é de 90°. Há pontos cegos e, no período noturno, o trabalho é ainda mais difícil. Não há iluminação suficiente no perímetro do presídio", reclama.

O tenente reclama ainda da ausência de uma estrutura de vigilância eletrônica ao redor do presídio. "Não há câmeras monitorando o que acontece por aqui. Hoje, os presos estão soltos dentro dos pavilhões e ninguém sabe o que acontece lá dentro.



ARGEMIRO LIMA / NU

► Thiago Felipe Ferreira de Souza, chefe da guarda prisional em Alcaçuz: "Falta efetivo policial"

Eles mandam no presídio e ninguém pode fazer nada", reclama.

As duas últimas fugas ocorridas em Alcaçuz tiveram como foco o Pavilhão 2. Um túnel foi escavado por 40 metros, a uma profundidade de cinco metros de altura, até alcançar a área externa do presídio. As duas saídas ficaram num ponto cego nas proximidades da torre vigilância 2, na área leste da unidade. "É quase impossível impedir uma fuga nestas condições", alega o tenente.

CRISE ANUNCIADA

Nas duas últimas versões do mutirão carcerário realizado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), uma espécie de vistoria nas unidades prisionais, já mostraram as péssimas condições estruturais de Alcaçuz. As inspeções feitas entre os anos de 2011 e 2013 encontraram superlotação, celas mal iluminadas, sem ventilação, lixo espalhado, esgoto a céu aberto e uma estrutura física frágil, propícia para a fuga.

O relator da inspeção, o juiz Esmar Custódio, do Estado do Tocantins, disse, à época, que a situação encontrada era "assustadora". "Construída sobre dunas, a penitenciária mais parece um queijo suíço tendo em vista os inúmeros túneis cavados pelos presos para fuga. Há partes da unidade que inclusive corre risco de desabar em razão dos vários túneis que a cortam pelo subsolo", escreveu ele.

Como resultado das duas inspeções, o CNJ apontou para necessidade de implantação do sistema de câmeras, reformas estruturais, instalação de cercas no perímetro da prisão e aumento do efetivo de agentes penitenciários. O que, infelizmente, não foi providenciado.

RAFAEL BARBOSA
DO NOVO JORNAL

HÁ QUASE UM mês, Mário Sérgio Gomes da Silva conseguiu um trabalho, depois de várias tentativas infrutíferas. Ex-detento, ele não tinha a confiança dos empregadores, mas agarrou a oportunidade que lhe foi dada e provou que é possível mudar uma história que tinha tudo para continuar dando errado. É um dos funcionários mais bem avaliados entre os colegas, nunca faltou ou sequer chegou atrasado ao serviço.

Mário foi personagem do NOVO JORNAL em duas reportagens publicadas no mês passado. Ele foi preso em 2011, aos 21 anos de idade, por assalto à mão armada. Depois de passar seis meses no Presídio Provisório Raimundo Nonato, foi liberado por excesso de prazo, quando o tempo de prisão ultrapassa o limite de três meses para realização da audiência.

Desde que deixou a unidade prisional, Mário Sérgio nunca havia conseguido se firmar em nenhum trabalho e recebeu muitas negativas após entrevistas para tentar ingressar nos quadros das empresas. Isso até o início deste mês de abril.

O ex-presidiário foi contratado para trabalhar de servente na construção do prédio da Controladoria Geral da União, realizada pela LMX Empreendimentos Eireli, e teve a carteira assinada do último dia 6. De lá para cá, é muito trabalho e disposição.

O servente afirma estar feliz com a nova realidade. Mário mora com a mulher numa pequena casa de três cômodos, que fica dentro de uma estreita vila em Mãe Luiza, na Zona Leste. Por conta do espaço, um de seus filhos mora com a avó, no mesmo bairro. Os outros dois moram com sua ex-companheira. A rotina de orações matinais continua, mas agora Mário tem compromisso também com o trabalho.

Todos os dias ele levanta às 5h para ir à igreja, acompanhado da esposa. Desde que deixou a prisão, aproximou-se mais das práticas religiosas. Na volta, Mário Sérgio toma café e se apronta para sair de casa. A busca por emprego acabou, o servente vai à labuta. Sobe em sua bicicleta e segue até a obra da CGU, na Avenida Hermes da Fonseca, Tirol. “Chegando aqui, o que me colocarem para fazer eu vou fazendo”, garante.

“Ele está sempre sorrindo, mostrando satisfação”, conta a engenheira responsável pela obra, Bethania Marques. De acordo com ela, Mário Sérgio não faltou um dia de trabalho. “Ele também não chegou atrasado um dia sequer”, reforça.

Bethania Marques diz que o mais novo servente é muito esforçado e não pega leve. “Varrer, limpar, pegar peso. Do leve ao pesado, nada ele se nega a fazer”, atesta. A técnica em Segurança do Trabalho da obra, Mykarla Santos, lembra que Mário se prontifica até na hora de preparar ou servir cafezinho para a equipe.

Mário Sérgio também mantém boa relação com os colegas de função e nunca se envolveu em confusões dentro da empresa. “Ele fala muito nos filhos, diz que precisa trabalhar e que precisa do dinheiro para manter os filhos”, conta Bethania.

Mário ganhou a confiança dos chefes de tal forma que levou um amigo, também ex-detento, para trabalhar na construção. “Ele faltou um dia e eu o procurei para falar que ele não pode deixar passar essa chance”, assinala. Depois da bronca, o amigo voltou para o serviço, ele conta.

Segundo a engenheira Bethania Marques, independente do momento do dia, Mário sempre está de bom humor. “Muito solícito e educado”, testemunha. O ex-presidiário aprendeu a adequar o comportamento ao ambiente de trabalho depois dos cursos que fez no programa Novos Rumos, do Tribunal de Justiça. Por lá, Mário Sérgio teve aulas com psicólogos, que o orientaram quanto às relações humanas e ao trato com os companheiros de trabalho durante o dia a dia.

De vida nova, Mário quer perseguir agora o seu novo rumo: sustentar a família e se ver longe do mundo do crime e da cadeia, onde assegura ter passado seus piores dias. É isso que ele procura passar também para os filhos e para o irmão de criação, que é mais jovem. Para o primeiro salário depois do longo tempo de espera, além de ajudar a companheira nas despesas de casa, os planos são de se fazer economia para comprar uma motocicleta.



▶ Mário Sérgio Gomes da Silva, ex-presidiário, agarrou com garra a oportunidade do trabalho, sempre com um sorriso que revela sua satisfação

OPERÁRIO EXEMPLAR

/ DETERMINAÇÃO / EX-DETENTO QUE CONQUISTOU EMPREGO NA CONSTRUÇÃO CIVIL CONTA QUE ESTÁ FELIZ COM A NOVA REALIDADE E RECEBE ELOGIOS DOS SUPERIORES DA EMPRESA QUE O CONTRATOU



FOTOS: EDUARDO MAIA / NJ

“
CHEGANDO AQUI (CANTERO DE OBRAS), O QUE ME COLOCAREM PARA FAZER EU VOU FAZENDO”

Mário Sérgio Gomes da Silva,
Servente



▶ Bethania Marques, engenheira: “Ele não chegou atrasado um dia sequer”

MUDANDO RUMOS

Em cinco anos de existência, o programa Novos Rumos tem dado assistência a muitos presos que pretendem seguir um caminho semelhante ao de Mário Sérgio. De acordo com Guiomar Veras, servidora do TJ que atua no Novos Rumos, 153 ex-presidiários trabalharam na construção da Arena das Dunas, outros 48 atuaram nas obras de mobilidade urbana de Natal, além das 22 mulheres que foram capacitadas pelo projeto “Mãos que constroem”. Elas aprenderam a desempenhar serviços comuns à construção civil.

O programa desenvolvido pelo Tribunal de Justiça visa exatamente a ajudar os egressos do sistema prisional, bem como os que cumprem penas alternativas e os cumpridores de medidas socioeducativas a se reinserirem na sociedade. Isso acontece através de cursos de capacitação e orientação psicológica.

Contudo, Guiomar revela que a maior dificuldade encontrada pelo programa é a abertura de portas para homens e mulheres que pretendem modificar sua realidade. O que aconteceu com Mário Sérgio não é comum. “A sensibilização da sociedade para dar oportunidade a essas pessoas é a maior dificuldade que encontramos”, reitera.

Mesmo assim o Novos Rumos também procura estreitar as relações entre integrantes da sociedade civil que não se envolveram com a atividade criminosa e os detentos. A forma encontrada para promover essa interação é a disponibilização de vagas para voluntários trabalharem no sistema Apac (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados).

Ainda segundo com o que informou Guiomar Veras, as pessoas interessadas no serviço são, treinadas para exercer as funções. “Principalmente porque a Apac busca uma forma diferente, mais humanizada, de atuação junto aos presidiários”, explica.

Trata-se de um método de uso da pedagogia e incentivo a práticas de trabalho e proximidade da família dentro das prisões. De acordo com Guiomar Veras, o trato com os apenados também é feito de forma mais humanizada.

Além da melhoria das condições sanitárias e de preservar direitos humanos, o sistema Apac se propõe mais eficaz que o sistema convencional de encarceramento. Ainda de acordo com a servidora do TJ, o método tem um índice de reincidência que não chega a 15%, quando no sistema convencional a média chega a mais de 80%.

Guiomar Veras disse que 21 voluntários foram formados em 2013 e outros 32 no ano passado. A servidora conta também que há uma grande procura para realização do curso de voluntariado da Apac, principalmente de segmentos religiosos e da área de saúde.

No Rio Grande do Norte, somente uma unidade, localizada em Macau, na Costa Branca, funciona no modelo da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados. Entretanto, Guiomar Veras adianta que há planos para construção de mais três.

Apesar de o processo de discussão sobre a implementação estar meio parado, em virtude da reconstrução dos presídios destruídos nas rebeliões ocorridas em março, Guiomar garante que o Governo do Estado está receptivo ao projeto. “Devemos fazer visitas para explicar melhor o funcionamento junto ao secretário da Sejuc logo depois que for resolvida essa questão dos reparos”, diz.

DOE UM LIVRO E LIBERTE UM CIDADÃO

Além das atividades de facilitação do acesso a oportunidades de trabalho, o Novos Rumos também quer aproximar da literatura os apenados detidos no sistema prisional do Rio Grande do Norte. “Doe um livro e liberte um cidadão” é um projeto, braço do programa, que pretende levar a leitura aos presos a partir de junho.

Guiomar Veras explica que entre 2012 e 2013 houve uma iniciativa dessas junto às detentas da ala feminina do Complexo Penal João Chaves, na Zona Norte da capital. Entretanto, como a iniciativa trabalhava em conjunto com a biblioteca do Sesc, foi preciso interromper o trabalho depois que a estrutura foi deslocada para as cidades do interior do estado.

A proposta para o próximo mês de junho é voltar com o incentivo à leitura em várias unidades de Natal. Desta vez os títulos foram arrecadados pelos servidores do Novos Rumos desde 2013. “Começamos a receber as doações na Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da UFRN daquele ano”, lembra Guiomar. A servidora afirma que, além da disponibilização dos livros, haverá rodas de discussão sobre as obras. “Vamos propor também que eles leiam uns para os outros, inclusive para promover uma interação”.



Editor

Luan Xavier

E-mail

luanxavier@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350



/ PERFIL /
EX-FUZILEIRO NAVAL
E ATÉ POUCO TEMPO
DESCONHECIDO PELA
TORCIDA ABECEDISTA,
O TÉCNICO JOSUÉ
TEIXEIRA PRETENDE
LEVAR O ALVINEGRO
À SÉRIE A DO
BRASILEIRÃO



DE VENTO EM POPA

► O carioca Josué Teixeira conquistou a invencibilidade na Copa Cidade do Natal, e, além de levar o ABC para a série A, quer ser lembrado no aniversário de 200 anos do clube

FOTOS: FÁBIO CORTEZ / NJ



TIAGO MENEZES
DO NOVO JORNAL

QUANDO ELE DESEMBARCOU na capital potiguar, há pouco mais de um mês, o ABC amargava a segunda colocação do primeiro turno do Estadual e convivia com a desconfiança dos torcedores e da imprensa esportiva. A invencibilidade conquistada na Copa Cidade do Natal, com quatro empates em nove jogos e vitórias magras sobre Força e Luz e Alecrim, por exemplo, não convenciam os apaixonados alvinegros.

Sobre o seu passado, sabia-se muito pouco. Além do título da Série C pelo Macaé, em 2014, apenas que havia comandado algumas equipes de base no Rio de Janeiro e vivido uma experiência no futebol árabe. Conquistas locais por times como Sampaio Corrêa-MA e River-PI pareciam não ser suficientes para credenciá-lo ao novo desafio. E houve quem contestasse a sua indicação para o cargo de técnico do ABC.

Mas agora, depois das sete rodadas do retorno, com o título do torneio, um lugar na grande decisão do Estadual - contra o América - e garantidas as vagas nas copas do Nordeste e do Brasil do próximo ano, é difícil encontrar alguém que não aprove o trabalho desempenhado por Josué Teixeira à frente do elenco abecedista. Somente nas seis primeiras partidas sob o seu comando, foram seis vitórias consecutivas, 15 gols marcados, nenhum sofrido e impressionantes 100% de aproveitamento.

De fato, números no mínimo respeitáveis. Mas, acredite você ou não, já planejados pelo treinador. Basta recordarmos a sua declaração durante a coletiva de apresentação no auditório do Complexo Esportivo Vicente Farache, em 24 de março passado, quando disparou que pretende ser lembrado no aniversário de 200 anos do clube.

"Estou aqui para fazer história. Não quero ser apenas mais um. O ano é importantíssimo para a equipe e, conseqüentemente, para quem faz parte dela. Quero ficar marcado positivamente na memória da torcida e vou me esforçar muito para que isso aconteça", disse ele à época.

Esta semana, em entrevista exclusiva ao NOVO JORNAL, as palavras variaram um pouco, mas a confiança de Teixeira permanece inabalável. E é somente isso: uma incrível autoconfiança, grande crença no potencial dos seus atletas e total dedicação ao ofício que escolheu para a vida. Nem mesmo um vestígio de arrogância ou vaidade foi percebido na fala ou nos gestos desse carioca nascido em Niterói, 54 anos, casado há 31 com a Sandra e pai do Diego.

O cara é um típico gente boa. E, a exemplo do que fez às vésperas de cada jogo pela Copa Rio Grande do Norte, quando sempre divulgou sem rodeios a escalação do ABC, ele revelou para a reportagem toda a sua filosofia futebolística e metodologia de trabalho. A começar pela aversão aos tradicionais treinamentos coletivos e a preferência pelas atividades táticas.

"Costumo dizer que o coletivo mascara a parte tática. Ainda não fiz um sequer desde que cheguei ao ABC. Prefiro o chamado 'treino alemão', onde divido o grupo em três, exijo bastante dos jogadores em todos os setores e posso fazer observações bem mais proveitosas", comentou.

A tranquilidade com ou sem a posse da bola e uma transição eficiente na hora de criar as jogadas ou puxar rápidos contra-ataques são mais alguns dos "segredos" que ele tenta implantar no Mais Querido.

"Essa é a minha forma de trabalhar. Passando tranquilidade para os atletas, estruturando a parte tática e mostrando para eles a importância de atacar e defender bem", falou.

Militar de formação, Josué Amaral Teixeira, ou simplesmente Josué Teixeira, foi fuzileiro naval e começou a atuar como técnico ainda na década de 1980, à frente da seleção da Marinha. A habilidade, digamos, insuficiente não permitiu que ele virasse jogador. É licenciado em Educação Física, especialista em Educação e também bacharel em Direito.

"Tudo começou nas Forças Armadas. Assumi um time que nunca havia ganhado absolutamente nada e, até a minha saída, vencemos quase tudo que disputamos. Guardo boas lembranças dessa época. Paralelamente, fiz um curso de treinador, terminei como primeiro lugar da turma e, em virtude disso, tive a oportunidade de estagiar no Flamengo. Aprendi bastante", explicou.

No ano passado, além do título da Série C pelo Macaé-RJ, Josué foi campeão piauiense com o River. Mas ele também acumula passagens como auxiliar técnico por Flamengo, Fluminense e Internacional, e como treinador efetivo, trabalhou por duas temporadas no Catar. No futebol brasileiro, já comandou Avaí, Nova Iguaçu, Sampaio Corrêa, Duque de Caxias e São José-MA, entre outros clubes.

"Fui para o Fluminense em 2006, e cheguei a comandar a equipe profissional durante um tempo. No Inter, trabalhei como auxiliar do Fernandão (já falecido), a convite dele. Uma experiência muito proveitosa, sem dúvida alguma", comentou.

“

A ESTRUTURA DO ABC É DIGNA DE PRIMEIRA DIVISÃO. A NOSSA TORCIDA TAMBÉM. ENTÃO ACREDITO QUE A ELITE NACIONAL SEJA O MELHOR LUGAR PARA O CLUBE ESTAR”



“

SOU UM CARA EXTREMAMENTE TRANQUILO, HONESTO COM OS MEUS ATLETAS E QUE GOSTA DE LEVAR UMA RELAÇÃO FRANCA E DIRETA COM ELES. MAS NÃO FAÇO O TIPO BOLEIRO”

Josué Teixeira

Técnico do ABC

RUMO À SÉRIE A E AO MORRO DO CARECA

Com a "missão" inicial no ABC já cumprida, que era conquistar o segundo turno do Campeonato Potiguar e garantir a participação da equipe nas copas do Nordeste e do Brasil de 2016, a grande responsabilidade de Josué Teixeira passa a ser outra: recuperar a hegemonia alvinegra no Estadual, nas finais diante do América, e logo depois buscar o tão sonhado acesso à Série A, na disputa da Segundona.

"A estrutura do ABC é digna de primeira divisão. A nossa torcida também. Então acredito que a elite nacional seja o melhor lugar para o clube estar. Faremos o possível para que isso aconteça. Pouparamos vários atletas nos últimos jogos, vamos tentar reforçar o elenco com mais cinco ou seis peças", avaliou.

Para transformar o sonho em realidade, ele conta com os novos amigos da comissão técnica abecedista, é claro. Mas, sobretudo, confia no seu caráter de "gestor de pessoas". "Sou um cara extremamente tranquilo, honesto com os meus atletas e que gosta de levar uma relação franca e direta com eles. Um gestor de pessoas, como costumava dizer. Não faço o tipo boleiro, e acredito muito no trabalho. Nunca temo adversário algum e sempre brigo para alcançar os meus objetivos.", disse.

Uma outra meta de Josué Teixeira em Natal, mas esta de cunho pessoal, é finalmente conhecer as belezas da capital potiguar e poder visitar alguns dos nossos pontos turísticos. Há um mês morando na cidade, ele diz que a rotina não temido muito além dos muros do Frasqueirão e das filas do supermercado.

"Logo depois que vencemos o América, no fim de semana passado, dei um dia de folga para os jogadores e também aproveitei um pouco. Fui até as praias do litoral Sul (Cotovelo, Pirangi e Búzios) e dei uma volta por lá. Mas Natal, em sim, eu ainda não conheço", lamentou.

O treinador se despede da reportagem em frente à sala de troféus do ABC, e olhando para o local onde pretende depositar mais algumas taças, faz uma espécie de promessa bem humorada. "Vou conhecer Natal depois que a gente conquistar o Estadual. Antes da estreia na Série B. Porque depois que o Brasileiro começar, o dia a dia vai ficar cada vez mais intenso e as folgas serão ainda mais raras", finalizou.

Bem na fita

"O torcedor alvinegro queria voltar a ter alegria, queria voltar a ver o time vencer. E o professor Josué era a pessoa certa para fazer com que isso acontecesse. É um profissional preparado, tem um excelente currículo e alguns feitos marcantes na carreira. Entre eles, derrubou o Fortaleza na Arena Castelão e foi campeão brasileiro em pleno Estádio da Curuzu, em Belém."

Rubens Guilherme Dantas

Presidente do ABC

"Trata-se de um treinador inteligente, que sabe o que faz. É capacitado e vencedor, requisitos fundamentais para as ambições do ABC em 2015."

Rodrigo Pastana

Executivo de futebol do ABC

"É um cara muito claro em suas decisões. Consegue ter uma relação muito boa entre ele e os atletas. A gente tem uma relação de amizade. Procura estar sempre presente nas situações do dia a dia. Na concentração, senta à mesa com a gente, conversa, brinca e fala besteira."

Kayke

Atacante do ABC e artilheiro do Estadual

FRANKIE MARCONE / AROQUIVO NJ



MENINOS BONS DE BOLA

/ GUAMARÉ / PORTUGUÊS
COMANDA MAIS DE 400
CRIANÇAS E ADOLESCENTES NUM
PROJETO QUE MISTURA FUTEBOL
E COMBATE À EVASÃO ESCOLAR

FOTOS: ESDRAS MARCHEZAN

ESDRAS MARCHEZAN
ESPECIAL PARA O NOVO JORNAL

QUANDO O PORTUGUÊS Rui Almeida chegou à pequena Guimarães, no interior do Rio Grande do Norte, e viu mais que apenas um novo lugar para morar. Com doze anos de experiência como treinador profissional em terras lusitanas, ele se surpreendeu com o potencial dos meninos da periferia nas peladas em campos de barro.

“É impressionante como realmente o brasileiro tem muito potencial no futebol. Mas é preciso olhar para esta realidade”, avaliou. Ele olhou, e desafiou o prefeito do município a implantar o que hoje é um dos maiores projetos de formação inicial de futebol no Rio Grande do Norte, envolvendo mais de 400 crianças e adolescentes.

O “Livro na mão, bola no pé” pretende promover formação cidadã através do esporte e garantir a permanência das crianças na escola, espantando o fantasma da evasão escolar. As atividades começaram em maio do ano passado, quando o português deixou Lisboa para construir uma nova vida no Brasil.

A consistência do projeto e seu grau de abrangência conquistaram o prefeito do município, Hélio Miranda, que decidiu apostar nas ideias do treinador e implantar a ação, junto à Secretaria Municipal de Esportes. Além dos dois campos de treinamento – um em Guimarães e outro no distrito de Baixa do Meio – os meninos e meninas recebem fardamento, chuteiras, meias e todo material de treino.

O ritmo dos treinamentos é apurado, mas não falta entusiasmo. “Todos os dias temos treinos com as diversas turmas, desde os pequeninhos aos maiores. E temos notado uma participação muito grande deles”, comenta o idealizador Rui Almeida.

Em campo, mais que apenas táticas e estratégias de jogo. “Há todo um trabalho técnico, teórico também, para que eles entendam o futebol de uma forma mais ampla, de uma maneira profissional. Sem contar na questão cidadã, que é um dos nossos fortes. Não queremos formar apenas atletas, mas cidadãos melhores”, explica a educadora física Nara Dias, coordenadora de projetos esportivos da Secretaria de Esportes.

É ela quem acompanha o rendimento e frequência escolar dos alunos atendidos pelo projeto. “Os resultados tem sido bons e esperamos que isso vá melhorando ainda mais neste ano”.

De acordo com Rui Almeida, a experiência profissional na Europa lhe mostrou que a formação de base é um segredo importante para o desenvolvimento de um atleta profissional. “Vemos aqui crianças que já demonstram um potencial grande para o futebol, mas precisam de apoio. Essa é uma das funções do projeto, aliado ao cuidado com o desenvolvimento do aluno em sala de aula. Não adianta só vir jogar, tem que estar bem com os estudos”, garante.

Cauã, de oito anos, é um dos meninos que já fizeram do campo sua segunda casa. Faz de tudo para não faltar aos treinos e, no gramado, faz o possível para ser um dos melhores. Na cabeça, o sonho comum a todos que estão no projeto: ser o próximo Neymar do futebol brasileiro num futuro que esperam não estar tão longe.

No toque com a bola, o menino já mostra intimidade e entusiasmo. A organização e tamanho do “Livro na mão, bola no pé” tem atraído os olhares de prefeituras da região e de clubes de futebol do



▶ Com fardamento, chuteiras e material de treino doados pela prefeitura, treinos acontecem diariamente em dois centros bem estruturados



▶ Com entusiasmo e alegria meninos pobres do interior driblam as dificuldades e sonham com um futuro melhor

interior. “Já estamos participando de pequenos torneios com outras cidades e buscamos oferecer aos meninos uma estrutura profissional, como ônibus confortável para transporte e até hotel. Isso mostra dignidade no trato com as crianças”, explica Nara Dias.

SELO UNICEF

Quando decidiu apostar na ideia, o prefeito de Guimarães, Hélio Miranda já sabia que o sucesso do projeto seria fundamental para uma luta que está envolvendo vá-

rios setores da prefeitura: a conquista do Selo Unicef – Município Aprovado.

O selo é um reconhecimento internacional que o município pode conquistar pelo resultado dos seus esforços na melhoria da qualidade de vida de crianças e adolescentes. Para isso, a Unicef leva em consideração um diagnóstico de dados sobre o município. Com dados concretos e participação popular, o município tem condições de rever suas políticas e repensar estratégias de for-

ma a alcançar os objetivos buscados, que estão relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

“O projeto Livro na mão, bola no pé é uma das ações que têm sido desenvolvidas pela equipe pensando na melhoria da qualidade de vida das crianças da nossa cidade. Assim como este projeto, várias ações estão sendo realizadas em outras secretarias, visando esta oportunidade de trabalhar com o Selo Unicef”, comentou o prefeito.

PENSANDO GRANDE

Com o grande número de crianças envolvidas, o projeto já começa a ser conhecido em meio à população. Para aqueles mais próximos do futebol, trabalhar a formação de base é também pensar no futuro do futebol profissional da cidade.

O único clube profissional de futebol, o Guimarães Esporte Clube, participou pela primeira vez da primeira divisão do Campeonato Estadual de Futebol em 2007, mas não conseguiu se manter na competição. Em 12º lugar, foi rebaixado para a segunda divisão, que havia conquistado no ano anterior.

“Temos um bom número de adolescentes que tem trabalho de forma séria e comprometida, por isso não descartamos a possibilidade destes meninos serem uma alternativa no sonho de reestabelecer o futebol profissional de Guimarães”, conta Rui.



▶ Time feminino também tem espaço e começa a ganhar adeptos

FUTEBOL TAMBÉM É COISA DE MENINA

No meio das centenas de meninos, um tom rosa chama a atenção. São as meninas do time feminino do projeto “Livro na mão, bola no pé”. Logo que começou as atividades em Guimarães, o treinador Rui Almeida percebeu o interesse de algumas meninas em participar dos treinos. “Desde a concepção já tínhamos imaginado esta possibilidade. O futebol não é mais território exclusivamente masculino”, explicou.

A equipe feminina é formada por mais de vinte meninas de Guimarães que levam a sério o trabalho e mostram bons resultados. No primeiro torneio intermunicipal dis-

putado pela equipe, elas conquistaram o terceiro lugar, trazendo para casa a medalha de bronze.

Mais que o placar das partidas, a organização da equipe chamou a atenção de quem estava participando do torneio. Enquanto as demais delegações ficaram concentradas num ginásio da cidade onde ocorreu o evento (Santa Cruz), as meninas do projeto e toda a equipe de apoio ficaram num hotel da cidade.

“Acreditamos que através do esporte é possível oferecer condições para que crianças e jovens possam ter um estímulo a mais em seu processo de crescimento enquanto cidadão, por isso levamos tão a sério a forma com que lidamos com estes projetos”, comenta a secretária de esportes de Guimarães, Larissa Mayara.

LENO E LÍLIAN, O RETORNO

/ MÚSICA / COMPOSITOR POTIGUAR LENO AZEVEDO ANUNCIA PARA JUNHO, EM SÃO PAULO, RETORNO DE DUPLA COM LÍLIAN KNAPP, COM QUEM FEZ SUCESSO NOS ANOS 60 E 70

CLEO LIMA
DO NOVO JORNAL

A MEIA NOITE que irá separar os próximos dias 20 e 21 de junho marcará, também, a reunião de uma das duplas mais importantes da música brasileira em toda sua história: Leno e Lílian. Dessa vez, contudo, não se trata apenas de uma celebração, uma sessão nostalgia; as vezes que embalaram a ingênua rebeldia juvenil de outrora voltaram com tudo – música, turnê, parceria; tudo novo. Os eternos jovens guardaram muitas surpresas para 2015.

“O tempo não passou pra nós. É só seguir a minha voz e logo vai me achar ao lado de você”, diz, oportunamente, a letra de ‘Lado a lado’, uma das novas músicas que farão parte dessa etapa atual do dueto. Enquanto dedilha calmamente um belo violão folk, Leno Azevedo explica que a canção é uma adaptação para a balada ‘Wicked Little Town’, de Stephen Trask.

A versão em português, conta ele, foi feita a quatro mãos, junto à própria Lílian. Um dado curioso é que, mesmo durante os áureos anos da dupla, em fins dos anos 1960, jamais existiu qualquer música creditada aos dois em parceria.

Mais que isso, os artistas não apenas remodelaram um clássico internacional para o idioma tupiniquim, mas compuseram juntos ‘Poeira das estrelas’, música inédita que completa o single virtual que será lançado para marcar a retomada oficial da dupla, daqui a pouco menos de dois meses.

O show de “relançamento” de Leno e Lílian está agendado para ocorrer na Virada Cultural 2015, em São Paulo. Conforme explica a parte potiguar do duo (Leno nasceu e mora atualmente em Natal), o evento paulista fará uma grande homenagem em alusão ao aniversário de 50 anos da Jovem Guarda.

“O pessoal da produção quer fazer quase uma festa temática, esse ano, por conta da comemoração. Tocaremos no ‘Palco Jovem Guarda’, que será montado no coração da cidade, no cruzamento das avenidas Ipiranga e São João. Vários colegas nossos da época deverão participar do evento, também. Será uma festa bacana, com projeção de 40 mil pessoas no horário do nosso show. A ideia é registrar tudo para um novo DVD”, adianta, animado.

Aproveitando o assunto, o cantor pega carona para criticar as políticas culturais existentes em Natal e no Rio Grande do Norte, de uma forma geral. Ele conta que ficou absolutamente surpreso ao receber o convite para se apresentar na capital paulista, feito diretamente pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

“Sempre defendi Natal, levei o nome da minha cidade onde fui, mas jamais obtive qualquer retribuição local. Nunca, nunca mesmo, fui chamado para qualquer evento aqui, seja pela Fundação José Augusto ou pela Fundação Capitanias das Artes (FJA e Funccarte, órgãos gestores da cultura no Estado e no município, respectivamente). Ao mesmo tempo, a cultura de outro Estado me valoriza, sempre sou lembrado pelo pessoal de fora, impressionante. Já aqui...”, reclama.



▶ Ao mesmo tempo em que retoma dupla com a amiga Lílian, o potiguar Leno Azevedo, aos 67 anos, se prepara para relançar disco em vinil: sucesso nacional



▶ Lílian vive no Rio de Janeiro e nunca abandonou a cena musical



▶ Compositor lamenta falta de apoio em Natal: “Jamais obtive retribuição”

REENCONTRO CONTOU COM AJUDA DA INTERNET

Ainda que ambos sejam já sessentões (Leno fez 66 na semana passada; Lílian completou 67 no último dia 30), o ambiente que propiciou o reencontro e o início das negociações para o retorno da dupla não poderia ser mais atual: a internet.

Os artistas sempre mantiveram uma relação de amizade, mesmo após o encerramento das atividades musicais. Recentemente vinham conversando pelas redes sociais e, nesses encontros online, surgiu a ideia de retomar a parceria, reforçada pela comemoração dos 50 anos da Jovem Guarda.

Daí para a ampliação dos projetos, foi um curtíssimo salto. Logo que a notícia do retorno se espalhou pelo meio empresarial do entretenimento no eixo sudeste, começaram a pipocar convites para turnês nacionais, o que, segundo Leno, deve ocorrer ao longo de todo o segundo semestre desse ano.

“É uma volta real, não uma comemoração. Só não estamos nos cobrando, queremos cantar, compor e curtir. A proposta é deixar fluir, pode durar um mês, pode durar 10 anos, vamos deixar acontecer”, comenta.

A animação de ambos os lados foi tanta, que os bate-papos progrediram para as parcerias em composições novas. Mais interessante, a produção desse trabalho será assinada pelo jovem, mas tarimbado, produtor musical carioca Diogo Strausz, que tem em seu currículo trabalhos com João Capdeville, o britânico Jacob Perlmutter e Alice Caymmi, neta de Dorival. Diogo, 25 anos, é filho de Leno.

É o rebento, conta o papai orgulhoso, quem faz a intermediação entre a dupla, já que ele mora no Rio de Janeiro, assim como a ‘tia’ Lílian, mas vem sempre a Natal visitar o progenitor. Essa mediação contempla as músicas, inclusive. Funciona mais ou menos da seguinte maneira: Leno dedilha algo para o filho, que leva as ideias para casa, arranja, organiza e prepara para que os cantores possam finalizar a canção. Tudo com muito Face-



▶ A dupla no auge, nos anos 60, tempo da Jovem Guarda

book, telefone, manda arquivo daqui, recebe mixagem de lá.

Outra curiosidade que marca o retorno da dupla é que já está tudo acertado para a apresentação, entrevistas marcadas na TV, repertório praticamente definido, mas Leno e Lílian ainda não se encontraram pessoalmente para amarrar as minúcias do projeto.

“Não é nada fora do comum, nos conhecemos como ninguém, não há a menor necessidade de formalidades. Somos amigos, nunca deixamos de ser, então não precisamos pegar um avião só para tirar foto e apertar as mãos”, assegura Leno, que deve embarcar com destino a SP cerca de dez dias antes do show inaugural, para os ensaios.

Os cantores desfizeram a parceria pela primeira vez ainda em 1968, retomando a carreira em 1972. O encerramento definitivo das atividades ocorreu no ano de 1974, quando saiu o último disco do dueto. Como permaneceram em contato ao longo dos anos, sem qualquer indício de crise pessoal, eles sempre se apresentaram juntos em eventos que homenageavam a Jovem Guarda - tocaram nos 30 (1995) e nos 40 anos do movimento (2005), por exemplo. Esse show de dez anos atrás, inclusive, foi a última vez em que Leno e Lílian pisaram juntos em um palco.

ÁLBUM CLÁSSICO, DE ROCK, RELANÇADO EM VINIL

A carreira de Leno está mesmo movimentada. Ao mesmo tempo em que anuncia o retorno da parceria com Lílian Knapp, o potiguar revela que um de seus discos mais importantes – o seminal ‘Vida e Obra de Johnny McCartney’, engavetado pela gravadora CBS nos anos 1970 e lançado 20 anos depois – deverá ser relançado em vinil ainda em 2015. As cópias serão prensadas na República Tcheca e distribuídas por lojas especializadas no Brasil. Leno ainda não sabe a tiragem exata das bolachas que vão para a rua.

‘Johnny McCartney’, primeiro álbum a ser gravado em oito canais no Brasil, é um dos discos considerados ‘cult’ no rock brasileiro (Leno, aliás, foi o produtor musical de outra joia rara do estilo no País, o ‘Lágrimas Azuis’, do grupo potiguar Impacto 5). À época de seu lançamento, teve quatro músicas barradas pela censura, o que levou ao engavetamento do projeto por parte da CBS.

“Fiquei ressentido, até rescindi contrato. Eles sequer tentaram diálogo com o Governo, o que era praxe em casos de censura. Na verdade, não fizeram questão por conta da minha mudança radical de estilo, tiveram medo de apostar. Imagina só, eu tinha acabado de lançar ‘A festa dos seus 15 anos’ e voltei com um disco de rock no talo em parceria com Raulzito Seixas...”, ri o cantor.

As fitas ficaram nos porões da gravadora por muito tempo, até que o pesquisador Marcelo Fróes encontrou tudo e telefonou para Leno.

“Foi um susto, nem sabia que essa master ainda existia. Pedi de volta os direitos à Sony (que comprara a CBS) e eles me cederam, então lancei o disco de maneira independente no meio dos anos 90. Tempos depois, já em dois mil e pouco, fui ‘descoberto’ pela Lion Records’, gravadora americana que se interessou em lançar o material no exterior. Finalmente se fez justiça, um trabalho bonito e bem acabado. Agora vou esse lance do vinil, que me deixou muito animado, pois sou um eterno apaixonado pelos LPs”, suspira.

COMPOSITOR EXPLICA PROBLEMAS DE SAÚDE

Antes de encerrar a entrevista, Leno faz questão de se explicar para os fãs potiguares, após a remarcação de dois shows seus, que ocorreriam nesse início de ano no Teatro Riachuelo. O cantor passou por problemas de saúde que o deixaram impossibilitado até mesmo de andar, por um longo período de tempo.

“Tive um problema sério no pé, quase perdi um dedo, mas depois de muita batalha me recuperei totalmente. Em seguida precisei passar por um procedimento cirúrgico, em decorrência de uma hérnia. A sequência nos hospitais me impossibilitou de fazer os shows anunciados, mas pretendo compensar muito em breve, quem sabe já junto da Lílian novamente”, projeta.

MARINA CARDOSO
DO NOVO JORNAL

AOS 23 ANOS, Yago Luan tem gostos bem comuns para jovens da idade dele. Nas horas vagas, por exemplo, gosta de ir às festas, tomar cerveja e jogar bola com os amigos. Um perfil que passaria despercebido para muitos, não fosse o ofício que ele exerce. "Sou coveiro. Isso mesmo: coveiro", conta, com satisfação, cada vez que precisa confirmar o que faz ao se apresentar para alguém.

Há dois anos Yago divide sua rotina entre a vivacidade de um jovem comum e a morbidez de seu trabalho no Cemitério Municipal do Alecrim, em Natal. A jornada de trabalho dele e dos cerca de quarenta coveiros que trabalham nos oito cemitérios públicos da capital potiguar é bem parecida. "A gente nunca sabe o que nos espera para mais um dia de trabalho", explica.

No dia em que o NOVO JORNAL acompanhou a rotina deles, o expediente foi considerado atípico. Dois sepultamentos seguidos estavam programados e uma exumação precisou ser feita minutos antes de o caixão ser enterrado. Yago e mais um coveiro, Sidney Ferreira, de 45 anos, se dividiam no trabalho.

O sol da manhã combinado com o trabalho braçal dos dois rapidamente faz com que Sidney, que usa uniforme completo - luvas e botas de borracha, e chapéu árabe para o sol cedidos pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semsur) -, transpire como se alguém estivesse jogando água no seu rosto. De dentro do túmulo, ele orienta Luan, que, sem luvas, usando botas, a roupa do uniforme e um boné pessoal, para ajudá-lo a fazer a exumação.

Yago orienta os familiares que já velam o corpo a esperarem um pouco na capela do cemitério, enquanto o procedimento é feito. Em seguida, restos em decomposição do caixão, dos ossos e da roupa de um dos seis parentes que já haviam sido enterrados na mesma

sepultura são retirados de dentro da cova. Após cuidadoso garimpo feito pelos coveiros, os ossos são guardados em um novo saco.

"O procedimento normal é esse. Depois, um entra novamente na sepultura e outro fica de fora, pega o caixão e vai nivelando até baixar completamente. As exumações entram depois, em cima do caixão", explica Yago.

Enquanto a reportagem acompanha, timidamente, o trabalho dos coveiros, Marinaldo, amigo da família enlutada, se aproxima e parece estar admirado com o serviço. Ele puxa conversa e conhece motivo da reportagem. Interessado, declara: "A nossa sensibilidade é grande, mas sabemos que eles não são bem vistos. Olha só (aponta para Yago): falta luva, falta máscara e ainda assim eles são profissionais, foram sensíveis com a família. A gente chora com a perda, mas fica confortável com o profissionalismo deles".

Yago se apressa para atender a próxima família, mas espera Sidney terminar de fechar o jazigo antes de acompanhar o próximo sepultamento, já em andamento. Atencioso, mesmo enquanto trabalha, ele revela: "Quem não tem coragem [para o trabalho] desiste mesmo. Não é qualquer um que entra num túmulo desse. Muitos coveiros estão largando a profissão devido aos baixos salários. Isso desanima. Nosso trabalho é importante. Tem gente que faz muito menos e ganha muito mais".

FIM

Às 10h, os dois sepultamentos já tinham sido finalizados. Enquanto caminhávamos para a administração do cemitério, Yago fala sobre a profissão. "Não que eu goste [de lidar com o sofrimento das pessoas], mas eu me acostumei e procuro ser o melhor profissional possível. Desde o dia que precisei cavar a cova da minha avó, faço cada sepultamento como se fosse pra alguém da minha família", conta orgulhoso depois de uma manhã cheia.

ENFRENTANDO O PRECONCEITO

"Eu não tenho vergonha de ser coveiro. Tenho orgulho porque minha profissão é digna e todo mundo depende dela. Ninguém está livre de passar por isso. Mas, o lado ruim é a discriminação. A sociedade criou um padrão do que é bom ou não, mesmo sem saber como é o nosso trabalho", desabafa Yago durante uma roda de conversa entre a reportagem, ele e outros dois coveiros.

"No início, até eu tenho um certo bloqueio. Já cheguei em alguns lugares em que todo mundo tirava onda, chamando minha namorada de mulher do coveiro, por exemplo. Isso eu até levo na brincadeira. Mas, tem casos que eu acho que o povo não se prepara pra morte e acha que a culpa é do coveiro", acrescenta.

Sidney, que é concursado há cinco anos, também reclama. "Minha família me apoiou desde o início e aceitou porque sabia que o concurso ia trazer estabilidade. Mas, muita gente discrimina. A gente encosta nas pessoas e elas já ficam desconfiadas".

Para Ewerton Silva, de 28 anos, e que decidiu ser coveiro aos 19 (quando fez e passou em um concurso), a realidade também não é muito diferente. "Minha mãe não queria que eu assumisse a vaga. Não criei um filho pra ser coveiro", ela dizia. Mas, perguntei a minha noiva se ela se casaria com um coveiro e ela disse que sim", lembra.

"Trabalhos que envolvem esforço físico tendem a ser mal vistos pelas pessoas. Muitos acham que quem trabalha com isso é porque não tem estudo ou são semianalfabetos. Mas, classificar alguém pelo trabalho é muito limitante. Uma pessoa é muito mais do que aquilo que ela faz no seu cotidiano", desabafa Ewerton, que quer fazer o curso de Letras ainda esse ano.

Assim como Yago, ele também não pensa em mudar de profissão. "Ainda assim, se pudesse conciliar com algo que eu gosto, trabalharia com cozinha. Mas, sei que não vai dar certo porque as pessoas poderiam rejeitar uma comida feita por um coveiro", desanima.



▶ Sidney Ferreira, 45 anos, é funcionário público concursado e diz sofrer discriminação por causa do emprego no cemitério



TRABALHO SEM GLÓRIA

"A gente nunca está satisfeito, afinal as pessoas não querem precisar do nosso trabalho. Não podemos desejar um até logo e o cliente nunca sai satisfeito. Mas, a gente tenta fazer o trabalho de uma maneira que torne esse momento o mais prático e breve possível. Temos cuidado até com o vocabulário. Palavras como defunto e fedor, por exemplo, são proibidas. A gente precisa ter sensibilidade para não causar constrangimento", explica Ewerton.

Já para Sidney, as dificuldades da profissão vão além da satisfação do cliente. "Nosso salário é uma merreca e a gente precisa ficar se humilhando por gratificações. O local de trabalho é cheio de bactéria. Às vezes mandam uma única máscara para três coveiros. Isso é falta de higiene", diz categórico. Quando pergunto se o material não deveria ser descartável, ele emenda: "As descartáveis a gente que compra".

E não é só. Sobre os riscos físicos, ele continua: "Ainda tem o risco da placa [das gavetas dos jazigos] cair no nosso pé como já



▶ Déficit de mão de obra e falta de EPI são principais queixas

aconteceu, nos cortarmos com os mármores dos túmulos, escorregar na cova e também sofrermos picadas de escorpiões, comuns por aqui".

Aelson Júnior está há um ano na administração do Cemitério e explica que onze pessoas trabalham lá, sendo cinco concursados da Prefeitura de Natal (três coveiros) e os outros terceirizados. "O terceirizado é qualquer coisa que

o cemitério precisar, não só coveiro", explica Aelson.

"Lógico que eles precisam ter mais respaldo, mas isso não pode ser resolvido de uma hora pra outra. Quando os equipamentos estão desgastados, a gente solicita novos. Mas, cada coveiro tem o seu e é responsável pela higienização", justifica.

Segundo o Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio,

Conservação, Higienização e Limpeza do Rio Grande do Norte (Sindlimp), não é só no Cemitério do Alecrim onde os coveiros enfrentam dificuldades. Em todos os atendidos pelo Sindicato, os coveiros têm algum tipo de dificuldade.

"Fazemos fiscalizações rotineiras, mas também recebemos muitas denúncias. A maior parte, anônima. Difícilmente alguém se identifica. Apesar de sempre orientarmos que qualquer tentativa de represália (desde mudanças na jornada de trabalho e ameaça de transferências a demissões injustificadas) é crime de assédio moral e deve ser comunicada", afirma Edivan Ribeiro, secretário do Sindlimp.

Problemas como falta de pessoal (atualmente 64 pessoas trabalham nos oito cemitérios públicos da capital potiguar, sendo 33 terceirizados) e de equipamentos de proteção individual (EPI) estão no ranking de reclamações do sindicato. Edvan relata que em alguns cemitérios dois coveiros enfrentam a rotina de até seis sepultamentos por dia e em outros, a reposição dos EPIs é ineficaz.



HISTÓRIA EXUMADA

/ ESPECIAL / DISCRIMINAÇÃO, SOFRIMENTO E CONVIVÊNCIA
TRABALHA NOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS



▶ Reportagem encontrou apenas óculos e luvas

SECRETARIA DESDE TRABALHADORES

Kelyton Gama, diretor de cemitérios da Semsur, afirma que os materiais dos coveiros concursados são disponibilizados sempre que necessário ou a cada três ou seis meses, dependendo da durabilidade de cada equipamento. Segundo ele, são entregues três tipos de luvas, óculos de proteção, máscaras respiradoras valvuladas, botas, protetor solar, chapéu árabe e uniforme. Ele afirmou ainda que, de fato, os coveiros são responsáveis pela higienização do material e que desconhece a informação de que falte equipamentos ou que uma máscara seja entregue para três coveiros. "Não procede até porque nós temos sobrando. Inclusive eu tenho essas máscaras no carro da Semsur. Se isso aconteceu, não foi na gestão do prefeito Carlos Eduardo. Mas, o material fica aqui no setor e nós entregamos conforme a demanda; se a gente deixa lá, eles usam a mais, estragando. Já a empresa terceirizada fornece para os terceirizados, a Semsur só monitora. Mas, uma parte do material também fica conosco".

Procurada pela reportagem, a S.S Empreendimentos e Serviços LTDA, empresa que terceiriza os

MARINA CARDOSO
DO NOVO JORNAL

AOS 23 ANOS, Yago Luan tem gostos bem comuns para jovens da idade dele. Nas horas vagas, por exemplo, gosta de ir às festas, tomar cerveja e jogar bola com os amigos. Um perfil que passaria despercebido para muitos, não fosse o ofício que ele exerce. "Sou coveiro. Isso mesmo: coveiro", conta, com satisfação, cada vez que precisa confirmar o que faz ao se apresentar para alguém.

Há dois anos Yago divide sua rotina entre a vivacidade de um jovem comum e a morbidez de seu trabalho no Cemitério Municipal do Alcim, em Natal. A jornada de trabalho dele e dos cerca de quarenta coveiros que trabalham nos oito cemitérios públicos da capital potiguar é bem parecida. "A gente nunca sabe o que nos espera para mais um dia de trabalho", explica.

No dia em que o NOVO JORNAL acompanhou a rotina deles, o expediente foi considerado atípico. Dois sepultamentos seguidos estavam programados e uma exumação precisou ser feita minutos antes de o caixão ser enterrado. Yago e mais um coveiro, Sidney Ferreira, de 45 anos, se dividiam no trabalho.

O sol da manhã combinado com o trabalho braçal dos dois rapidamente faz com que Sidney, que usa uniforme completo - luvas e botas de borracha, e chapéu árabe para o sol cedidos pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semsur) -, transpire como se alguém estivesse jogando água no seu rosto. De dentro do túmulo, ele orienta Luan, que, sem luvas, usando botas, a roupa do uniforme e um boné pessoal, para ajudá-lo a fazer a exumação.

Yago orienta os familiares que já velam o corpo a esperarem um pouco na capela do cemitério, enquanto o procedimento é feito. Em seguida, restos em decomposição do caixão, dos ossos e da roupa de um dos seis parentes que já haviam sido enterrados na mesma

sepultura são retirados de dentro da cova. Após cuidadoso garimpo feito pelos coveiros, os ossos são guardados em um novo saco.

"O procedimento normal é esse. Depois, um entra novamente na sepultura e outro fica de fora, pega o caixão e vai nivelando até baixar completamente. As exumações entram depois, em cima do caixão", explica Yago.

Enquanto a reportagem acompanha, timidamente, o trabalho dos coveiros, Marinaldo, amigo da família enlutada, se aproxima e parece estar admirado com o serviço. Ele puxa conversa e conhece motivo da reportagem. Interessado, declara: "A nossa sensibilidade é grande, mas sabemos que eles não são bem vistos. Olha só (aponta para Yago): falta luva, falta máscara e ainda assim eles são profissionais, foram sensíveis com a família. A gente chora com a perda, mas fica confortável com o profissionalismo deles".

Yago se apressa para atender a próxima família, mas espera Sidney terminar de fechar o jazigo antes de acompanhar o próximo sepultamento, já em andamento. Atencioso, mesmo enquanto trabalha, ele revela: "Quem não tem coragem [para o trabalho] desiste mesmo. Não é qualquer um que entra num túmulo desse. Muitos coveiros estão largando a profissão devido aos baixos salários. Isso desanima. Nosso trabalho é importante. Tem gente que faz muito menos e ganha muito mais".

FIM

As 10h, os dois sepultamentos já tinham sido finalizados. Enquanto caminhávamos para a administração do cemitério, Yago fala sobre a profissão. "Não que eu goste [de lidar com o sofrimento das pessoas], mas eu me acostumei e procuro ser o melhor profissional possível. Desde o dia que precisei cavar a cova da minha avó, faço cada sepultamento como se fosse pra alguém da minha família", conta orgulhoso depois de uma manhã cheia.



▶ Sidney Ferreira, 45 anos, é funcionário público concursado e diz sofrer discriminação por causa do emprego no cemitério



TRABALHO SEM GLÓRIA

Para Ewerton Silva, de 28 anos, e que decidiu ser coveiro aos 19 (quando fez e passou também não é muito diferente. "Minha mãe não queria que eu assumisse a vaga. Não criei um filho pra ser coveiro", ela dizia. Mas, perguntei a minha noiva se ela se casaria com um coveiro e ela disse que sim", lembra.

"Trabalhos que envolvem esforço físico tendem a ser mal vistos pelas pessoas. Mas, os que fazem o curso de Letras ainda esse ano.

Assim como Yago, ele também não pensa em mudar de profissão. "Ainda assim, se pudesse conciliar com algo que eu gosto, trabalharia com cozinha", afirma. Mas, sei que não vai dar certo porque as pessoas poderiam rejeitar uma comida feita por um coveiro", desanima.



▶ Déficit de mão de obra e falta de EPI são principais queixas

aconteceu, nos cortamos com os mármores dos túmulos, escoregar na cova e também sofrermos picadas de escorpíões, comuns por aqui".

Aelson Júnior está há um ano na administração do Cemitério e explica que onze pessoas trabalham lá, sendo cinco concursados da Prefeitura de Natal (três coveiros e os outros terceirizados. "O terceirizado é qualquer coisa que

o cemitério precisar, não só coveiro", explica Aelson.

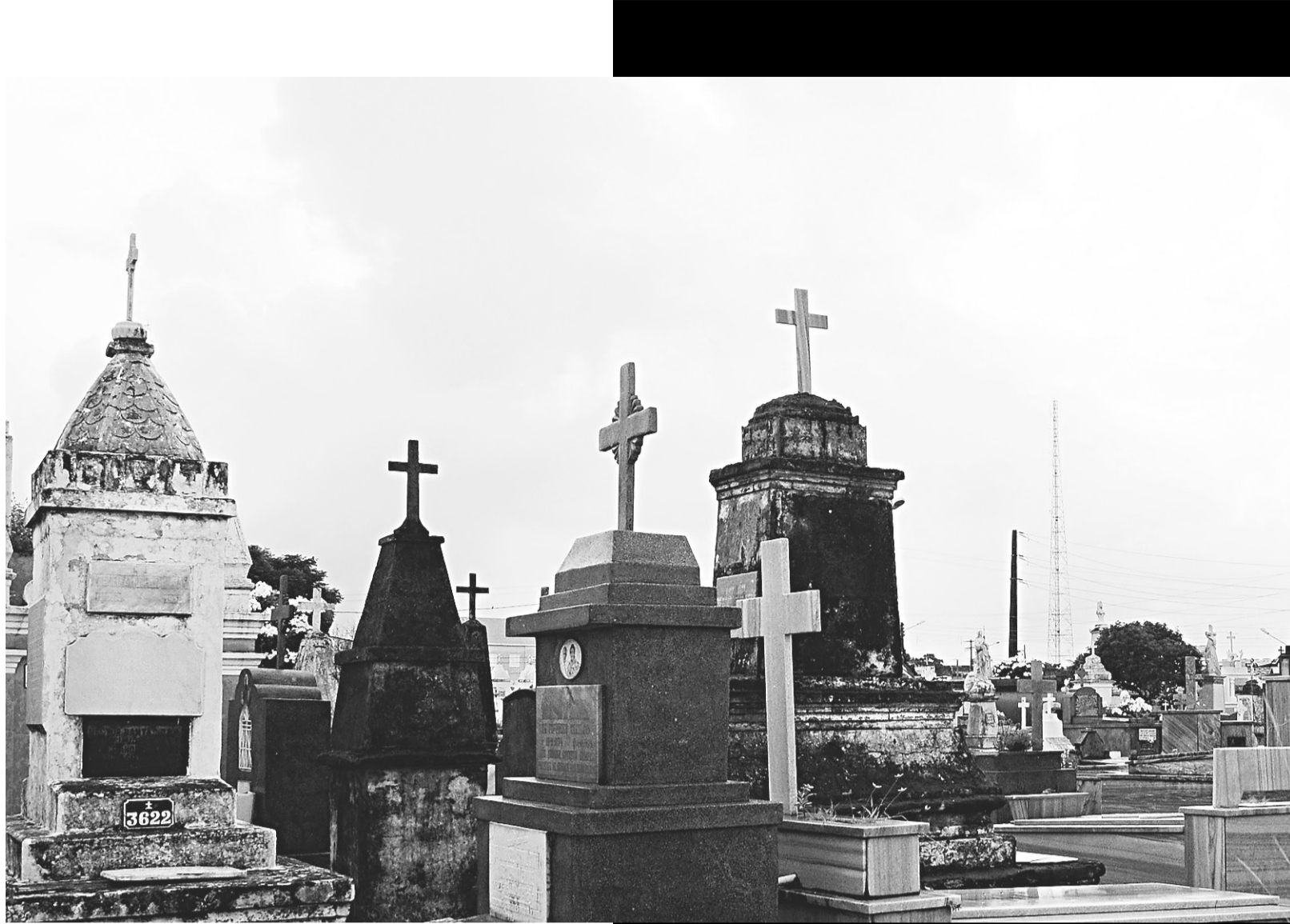
"Lógico que eles precisam ter mais respaldo, mas isso não se resolve de uma hora pra outra. Quando os equipamentos estão desgastados, a gente solicita novos. Mas, cada coveiro tem o seu e é responsável pela higienização", justifica.

Segundo o Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio,

Conservação, Higienização e Limpeza do Rio Grande do Norte (Sindlimp), não é só no Cemitério do Alcim onde os coveiros enfrentam dificuldades. Em todos os atendidos pelo Sindicato, os coveiros têm algum tipo de dificuldade.

"Fazemos fiscalizações rotineiras, mas também recebemos muitas denúncias. A maior parte, anônima. Difícilmente alguém se identifica. Apesar de sempre orientarmos a quem que algum tipo de dificuldade de repesália (desde mudanças na jornada de trabalho e ameaça de transferências a demissões injustificadas) é crime de assédio moral e deve ser comunicada", afirma Edivan Ribeiro, secretário do Sindlimp.

Problemas como falta de pessoal (atualmente 64 pessoas trabalham nos oito cemitérios públicos da capital potiguar, sendo 33 terceirizados) e de equipamentos de proteção individual (EPI) estão no ranking de reclamações do sindicato. Edvan relata que em alguns cemitérios dois coveiros enfrentam a rotina de até seis sepultamentos por dia e em outros, a reposição dos EPIs é ineficaz.



HISTÓRIAS EXUMADAS

/ ESPECIAL / DISCRIMINAÇÃO, SOFRIMENTO E CONVIVÊNCIA EM AMBIENTE INSALUBRE: A ROTINA DE QUEM TRABALHA NOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS DA CAPITAL POTIGUAR



▶ Reportagem encontrou apenas óculos e botas entre equipamentos de proteção

SECRETARIA DESMENTE TRABALHADORES

Kelyton Gama, diretor de cemitérios da Semsur, afirma que os materiais dos coveiros concursados são disponibilizados sempre que necessário ou a cada três ou seis meses, dependendo da durabilidade de cada equipamento. Segundo ele, são entregues três tipos de luvas, óculos de proteção, máscaras respiradoras valvuladas, botas, protetor solar, chapéu árabe e uniforme. Ele afirmou ainda que, de fato, os coveiros são responsáveis pela higienização do material e que desconhece a informação de que falte equipamentos ou que uma máscara seja entregue para três coveiros. "Não procede até porque nós temos sobrando. Inclusive eu tenho essas máscaras no carro da Semsur. Se isso aconteceu, não foi na gestão do prefeito Carlos Eduardo. Mas, o material fica aqui no setor e nós entregamos conforme a demanda se a gente deixa lá, eles usam a mais, estragando. Já a empresa terceirizada fornece para os terceirizados, a Semsur só monitora. Mas, uma parte do material também fica conosco".

Procurada pela reportagem, a S.S Empreendimentos e Serviços LTDA, empresa que terceiriza os

funcionários para a Prefeitura, não se pronunciou sobre o assunto.

A explicação da Semsur para as possíveis faltas de equipamentos é a relutância dos coveiros. "O que é habitual acontecer é fornecer e eles não utilizarem. Já fizemos palestras de vigilância ambiental com os funcionários em fevereiro. Estamos programando outra para maio". Ainda segundo Kelyton, a Semsur acompanha diariamente a rotina dos cemitérios.

Pedro Cândia, engenheiro, professor e higienista ocupacional certificado, lembra que a máscara respiradora pode até ser utilizada por duas vezes, mas é descartável. "Usar a mesma por mais de uma semana e por mais de um trabalhador é totalmente absurdo. Já as luvas e botas podem ser reutilizadas, desde que sejam higienizadas. Mas, o empregador é responsável pela higienização" explica.

Ele lembra ainda que os EPIs devem ficar no local de trabalho, a menos que haja um acordo entre os trabalhadores e o empregador. No entanto, conforme a Norma Regulamentadora 6 (NR6), cabe a empresa responsabilizar-se pela higienização e manutenção periódica dos equipamentos.

FOTOS: FABIO CORTEZ / N1



▶ Yago Luan, de 23 anos, conta que tem visto vários colegas largando a profissão em virtude dos baixos salários e das condições de trabalho

LEGISLAÇÃO DEFASADA

Um dos grandes problemas da legislação, segundo o olhar dos técnicos, é a defasagem. A Norma Regulamentadora 15, que fala sobre as questões da insalubridade, é de 1978 e não sofre atualizações consistentes desde então. No entanto, há muitos agentes que nem eram conhecidos há trinta anos mas que comprovadamente causam prejuízos ao trabalhador e passam despercebidos pela NR15.

Outro exemplo é que a Constituição vigente veda qualquer conjuntura atrelada ao salário mínimo, mas na NR15, feita antes de 1988, o percentual de insalubridade é calculado pelo salário mínimo. "É uma polêmica e geralmente termina em um litígio trabalhistas porque a classe dos empresários segue a NR15 e os trabalhadores querem a Constituição", explica Pedro.

Ainda na análise dos profissionais, outro fator que contribui para a precarização do trabalho é a terceirização. "Nós acreditamos ser o câncer da segurança do trabalhador. O terceirizado acaba sendo descartável porque muitas vezes quem contrata a empresa não se preocupa com o trabalhador, e sim com o contrato".

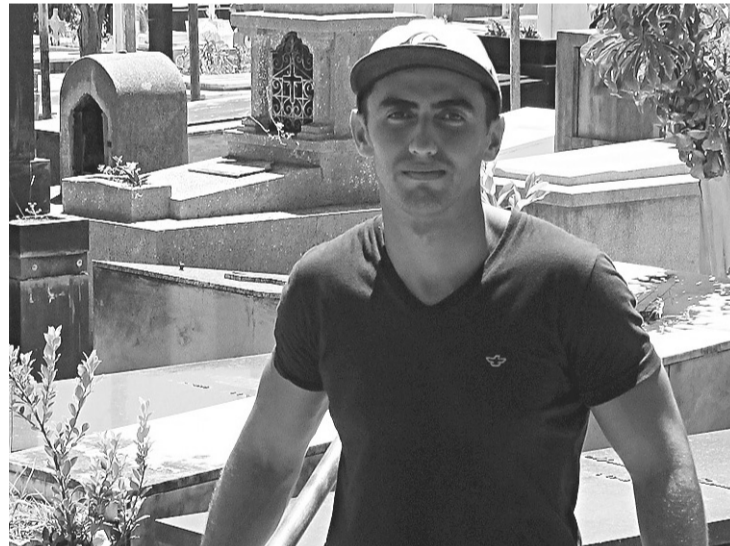
"Há também a questão psicológica, que nós da engenharia não podemos mensurar. Afinal, trabalhar com a dor de outras pessoas exige uma preparação muito maior", lembra o higienista ocupacional.

INSALUBRIDADE

A insalubridade é a situação que expõe qualquer trabalhador a um agente físico, químico ou biológico nocivo que submete a saúde dele a diversos tipos de doenças causadas instantaneamente ou ao longo do tempo. Popularmente falando, a insalubridade compromete a saúde do trabalhador. (Cleber Lucena)



▶ Yago Luan, de 23 anos, conta que tem visto vários colegas largando a profissão em virtude dos baixos salários e das condições de trabalho



▶ Cleber Lucena, engenheiro e professor: adicional deve servir de alerta

'NÃO HÁ MÉRITO NA INSALUBRIDADE'

Segundo o Sindlimp, a última luta do sindicato foi "a conquista do adicional de 40% (ou grau máximo) de insalubridade para a categoria", apesar de a Semsur admitir que alguns funcionários concursados ainda não recebem a insalubridade, mas que já há um processo administrativo em andamento. "O adicional sobre o salário mínimo está batendo com o limite do município", explica Kelyton Gama.

O professor do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e engenheiro de segurança do trabalho, Cleber Lucena, rebate a conquista: "Não há mérito na insalubridade. Ela deve ter caráter pedagógico para o empregador, para ele entender que o ambiente de trabalho tem problemas e procurar soluções para torná-lo melhor".

"Mas, funciona de maneira

contrária. Ele paga o adicional e acha que está tudo bem. É como se houvesse a compra da saúde do trabalhador" avalia Pedro Cândia.

Os dois reconhecem que a discussão é antiga. "Nós, prevenционistas, lutamos para que não haja insalubridade, mas que o trabalho seja seguro. Nossa missão é que o ambiente seja salubre". Apesar de o adicional fazer diferença no salário do trabalhador, ao longo do tempo a



“

A GENTE NUNCA ESTÁ SATISFEITO, AFINAL AS PESSOAS NÃO QUEREM PRECISAR DO NOSSO TRABALHO. NÃO PODEMOS DESEJAR UM 'ATÉ LOGO' E O CLIENTE NUNCA SAI SATISFEITO. MAS, A GENTE TENTA FAZER O TRABALHO DE UMA MANEIRA QUE TORNE ESSE MOMENTO O MAIS PRÁTICO E BREVE POSSÍVEL”

Ewerton Silva

Coveiro

A MORTE MANDA RECADO

Nos dias em que a reportagem acompanhou a rotina dos coveiros, o som do choro de familiares e os cantos religiosos que misturavam o consolo divino e a desolação humana foram os momentos mais marcantes.

Ver de perto o sofrimento das pessoas sem se abalar, no entanto, é algo que os coveiros confessam ser a prova de fogo da profissão. Há um período de choque, mas depois vem a adaptação. Ainda assim, eles revelam que é impossível não se envolver em alguns casos.

"Meu primeiro sepultamento foi de uma criança e, como tenho um irmão pequeno, é inevitável não passar um filme pela sua cabeça e se comover com a dor", lembra Yago. "Certa vez realizei o sepultamento de uma senhora no dia das mães. Foi bem triste porque esse é um dia que ninguém quer enterrar a própria mãe. Mas, a morte não escolhe data", recorda Ewerton.

Para Josivaldo Lira e Everaldo Araújo, ambos com 47 anos, a adaptação psicológica ao trabalho no cemitério particular Morada da Paz, em Natal, foi mais fácil. "O ambiente aqui é como um parque e ajuda a gente a se acostumar", afirma Josivaldo, que garante nunca ter tido problemas para aceitar a profissão. Everaldo atribui a fácil habituação às maneiras de humanização utilizadas pela empresa que trabalha.

Ewerton vai além. Para ele, a profissão mostrou uma nova maneira de pensar na vida. "Quando vim trabalhar no Cemitério do Alcim, me dei conta de que vou morrer um dia. Quando a gente sepulta alguém, penso que um dia serei eu e que pessoas do meu convívio chorarão. É como se todo dia eu tivesse um aviso de que sou mortal. Acaba que a gente aprende a fazer algo com o nosso tempo útil".

saúde prejudicada não compensa".

Já sobre os equipamentos de proteção individual, Cleber explica que são a última linha de defesa para a saúde do trabalhador e que antes poderiam ser adotadas medidas de ordem administrativa - como o controle e redução do tempo de exposição do trabalhador aos agentes patológicos -, e medidas de ordem coletiva para proteger todo o ambiente de trabalho, com projetos de engenharia, por exemplo. "Só então se aplica à proteção individual", diz.

"As medidas de controle coletivo, apesar de mais eficientes, são mais caras que o EPI e o empresário acaba invertendo essa ordem. Dá o EPI primeiro e paga o adicional de insalubridade. Mas, vale lembrar que eles reduzem o dano, não a insalubridade. O ambiente continua sendo perigoso para o trabalhador", afirma Pedro.



FOTOS: FÁBIO CORTEZ / NJ

ÓRIAS ADAS

VÊNCIA EM AMBIENTE INSALUBRE: A ROTINA DE QUEM
BÚBLICOS DA CAPITAL POTIGUAR



botas entre equipamentos de proteção

SMENTE S

funcionários para a Prefeitura, não se pronunciou sobre o assunto.

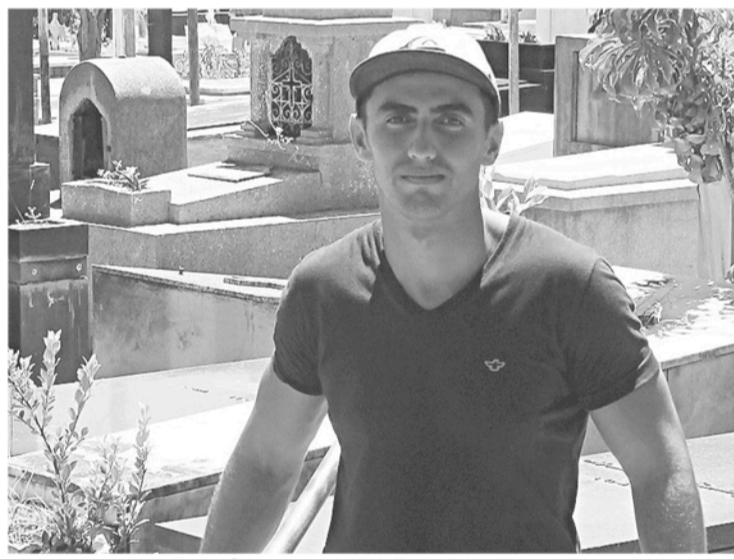
A explicação da Semsur para as possíveis faltas de equipamentos é a relutância dos coveiros. "O que é habitual acontecer é fornecer e eles não utilizarem. Já fizemos palestras de vigilância ambiental com os funcionários em fevereiro. Estamos programando outra para maio". Ainda segundo Kelyton, a Semsur acompanha diariamente a rotina dos cemitérios.

Pedro Cândia, engenheiro, professor e higienista ocupacional certificado, lembra que a máscara respiradora pode até ser utilizada por duas vezes, mas é descartável. "Usar a mesma por mais de uma semana e por mais de um trabalhador é totalmente absurdo. Já as luvas e botas podem ser reutilizadas, desde que sejam higienizadas. Mas, o empregador é responsável pela higienização" explica.

Ele lembra ainda que os EPIs devem ficar no local de trabalho, a menos que haja um acordo entre os trabalhadores e o empregador. No entanto, conforme a Norma Regulamentadora 6 (NR6), cabe a empresa responsabilizar-se pela higienização e manutenção periódica dos equipamentos.



▶ Yago Luan, de 23 anos, conta que tem visto vários colegas largando a profissão em virtude dos baixos salários e das condições de trabalho



‘NÃO HÁ MÉRITO NA INSALUBRIDADE’

Segundo o Sindlimp, a última luta do sindicato foi "a conquista do adicional de 40% (ou grau máximo) de insalubridade para a categoria", apesar de a Semsur admitir que alguns funcionários concursados ainda não recebem a insalubridade, mas que já há um processo administrativo em andamento. "O adicional sobre o salário mínimo está batendo com o limite do município", explica Kelyton Gama.

O professor do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e engenheiro de segurança do trabalho, Cleber Lucena, rebate a conquista: "Não há mérito na insalubridade. Ela deve ter caráter pedagógico para o empregador, para ele entender que o ambiente de trabalho tem problemas e procurar soluções para torná-lo melhor".

"Mas, funciona de maneira



▶ Cleber Lucena, engenheiro e professor: adicional deve servir de alerta

contrária. Ele paga o adicional e acha que está tudo bem. É como se houvesse a compra da saúde do trabalhador" avalia Pedro Cândia.

Os dois reconhecem que a discussão é antiga. "Nós, preventivistas,

LEGISLAÇÃO DEFASADA

Um dos grandes problemas da legislação, segundo o olhar dos técnicos, é a defasagem. A Norma Regulamentadora 15, que fala sobre as questões da insalubridade, é de 1978 e não sofre atualizações consistentes desde então. No entanto, há muitos agentes que nem eram conhecidos há trinta anos mas que comprovadamente causam prejuízos ao trabalhador e passam despercebidos pela NR15.

Outro exemplo é que a Constituição vigente veda qualquer conjuntura atrelada ao salário mínimo, mas na NR15, feita antes de 1988, o percentual de insalubridade é calculado pelo salário mínimo. "É uma polêmica e geralmente termina em um litígio trabalhistas porque a classe dos empresários segue a NR15 e os trabalhadores querem a Constituição", explica Pedro.

Ainda na análise dos profissionais, outro fator que contribui para a precarização do trabalho é a terceirização. "Nós acreditamos ser o câncer da segurança do trabalhador. O terceirizado acaba sendo descartável porque muitas vezes quem contrata a empresa não se preocupa com o trabalhador, e sim com o contrato".

"Há também a questão psicológica, que nós da engenharia não podemos mensurar. Afinal, trabalhar com a dor de outras pessoas exige uma preparação muito maior", lembra o higienista ocupacional.

INSALUBRIDADE

A insalubridade é a situação que expõe qualquer trabalhador a um agente físico, químico ou biológico nocivo que submete a saúde dele a diversos tipos de doenças causadas instantaneamente ou ao longo do tempo. Popularmente falando, a insalubridade compromete a saúde do trabalhador. (Cleber Lucena)



A GENTE NUNCA ESTÁ SATISFEITO, AFINAL AS PESSOAS NÃO QUEREM PRECISAR DO NOSSO TRABALHO. NÃO PODEMOS DESEJAR UM 'ATÉ LOGO' E O CLIENTE NUNCA SAI SATISFEITO. MAS, A GENTE TENTA FAZER O TRABALHO DE UMA MANEIRA QUE TORNE ESSE MOMENTO O MAIS PRÁTICO E BREVE POSSÍVEL"

Ewerton Silva
Coveiro

A MORTE MANDA RECADO

Nos dias em que a reportagem acompanhou a rotina dos coveiros, o som do choro de familiares e os cantos religiosos que misturavam o consolo divino e a desolação humana foram os momentos mais marcantes.

Ver de perto o sofrimento das pessoas sem se abalar, no entanto, é algo que os coveiros confessam ser a prova de fogo da profissão. Há um período de choque, mas depois vem a adaptação. Ainda assim, eles revelam que é impossível não se envolver em alguns casos.

"Meu primeiro sepultamento foi de uma criança e, como tenho um irmão pequeno, é inevitável não passar um filme pela sua cabeça e se comover com a dor", lembra Yago. "Certa vez realizei o sepultamento de uma senhora no dia das mães. Foi bem triste porque esse é um dia que ninguém quer enterrar a própria mãe. Mas, a morte não escolhe data", recorda Ewerton.

Para Josivaldo Lira e Everaldo Araújo, ambos com 47 anos, a adaptação psicológica ao trabalho no cemitério particular Morada da Paz, em Natal, foi mais fácil. "O ambiente aqui é como um parque e ajuda a gente a se acostumar", afirma Josivaldo, que garante nunca ter tido problemas para aceitar a profissão. Everaldo atribui a fácil habituação às maneiras de humanização utilizadas pela empresa que trabalha.

Ewerton vai além. Para ele, a profissão mostrou uma nova maneira de pensar na vida. "Quando vim trabalhar no Cemitério do Alecrim, me dei conta de que vou morrer um dia. Quando a gente sepulta alguém, penso que um dia serei eu e que pessoas do meu convívio chorarão. É como se todo dia eu tivesse um aviso de que sou mortal. Acaba que a gente aprende a fazer algo com o nosso tempo útil".

saúde prejudicada não compensa".

Já sobre os equipamentos de proteção individual, Cleber explica que são a última linha de defesa para a saúde do trabalhador e que antes poderiam ser adotadas medidas de ordem administrativa - como o controle e redução do tempo de exposição do trabalhador aos agentes patológicos -, e medidas de ordem coletiva para proteger todo o ambiente de trabalho, com projetos de engenharia, por exemplo. "Só então se apela à proteção individual", diz.

"As medidas de controle coletivo, apesar de mais eficientes, são mais caras que o EPI e o empresário acaba invertendo essa ordem. Dá o EPI primeiro e paga o adicional de insalubridade. Mas, vale lembrar que eles reduzem o dano, não a insalubridade. O ambiente continua sendo perigoso para o trabalhador", afirma Pedro.

A MÚSICA QUE VEM DA LATA, DO PLÁSTICO, DA AREIA...

/ SHOW / NOVO JORNAL MOSTRA COMO SERÁ O ESPETÁCULO DE PERCUSSÃO QUE O GRUPO BRITÂNICO STOMP VAI APRESENTAR NO TEATRO RIACHUELO NO INÍCIO DE MAIO

HENRIQUE ARRUDA*
DO NOVO JORNAL

O GRANDE CENÁRIO construído a partir de latas, tonéis, placas de sinalização urbana, canos, grades de ferro e tantas outras coisas pode até indicar um ferro velho, ou algo parecido, mas não nesta noite. Toda a plateia que lota o Teatro do Bourbon Country, em Porto Alegre (RS), está diante de uma grande e improvável oficina de música.

De repente alguém entra varrendo o palco e esse é o estopim para que vassouras sejam os primeiros instrumentos musicais da noite, iniciando uma enérgica percussão que mais tarde ainda iria ser tocada com areia, pias de alumínio, panelas, xícaras, carrinhos de compras, bolas de basquete, jornais e até mesmo isqueiros. Absolutamente tudo pode render uma música para o grupo britânico "Stomp".

Em turnê pelo Brasil, após cinco anos desde a última visita, o grupo também está de malas prontas para Natal, mas apenas na etapa final da viagem, entre os dias 5 a 7 de maio no Teatro Riachuelo, muito embora o NOVO JORNAL já tenha assistido a apresentação de estreia realizada no dia 8 de abril, no Teatro do Bourbon Country, em Porto Alegre, no outro Rio Grande, o do Sul.

"Basta ter suíngue", desafia Marivaldo dos Santos, 40 anos, algumas horas antes do show enquanto a imprensa conversa com o grupo no saguão do teatro. Há 10 anos ele é o único brasileiro a integrar a companhia, e agora foi designado para assinar a direção artística dessa turnê brasileira.

Desde que passou a integrar o elenco do grupo de percussão, Marivaldo já colaborou com artistas de peso do cenário musical, como Sting, Wyclef Jean e Lauryn Hill, e muito embora já tivesse uma carreira sólida antes mesmo da experiência, garante que foi após a audição em Nova York que a sua percepção com a música mudou bastante.

"Não teve peixe, nem indicação. A seleção é uma coisa muito grande, com vários músicos muito bons mesmo, e eu estava relaxado no dia, e fiz capoeira, então me concentrei para passar", lembra-se, destacando que hoje em dia ele também coordena o seu próprio projeto social do tipo em Salvador, chamado "Quabales", no qual faz a fusão da música baiana com a linguagem Stomp para crianças e jovens carentes.

Vale frisar ainda que desde quando foi formado na Inglaterra pelos coreógrafos Luke Cresswell e Steve McNicholas, em 1991, o Stomp tomou proporções continentais e hoje funciona com quatro elencos diferentes: dois na Inglaterra (um fixo e outro itinerante) e outros dois nos EUA (também um fixo e outro itinerante). Natal - assim como as demais quatro capitais brasileiras - receberá o elenco britânico, muito embora Marivaldo pertença ao elenco fixo dos EUA.

"O europeu tem um jeito diferente e muito mais centrado de fazer as coisas, já os americanos não. São mais abertos, um pouco mais parecidos até com os brasileiros. Mas o Stomp em si, tem gente de todo o mundo, e isso é muito interessante, porque a música que fazemos é muito universal. Quando eu cheguei no grupo, percebi que tinha samba ali, mesmo que eles não soubessem que aquilo era samba", considera.

Em cena, Marivaldo é um dos que mais interage com a plateia, já que seu próprio corpo também vira música e ele espera que o público faça o mesmo, contribuindo com palmas ou aceleradas ao ordenadas. As pessoas até tentam, mas nem sempre dá certo.



▶ Grupo percussionista torna musical som que sai de vassouras, xícaras, carrinhos de compras de supermercados e até de pias de alumínio

LOUISE, A IRLANDESA

Sentada em outra mesa, Louise Dourand é a que mais parece se divertir com toda a situação, estampando um sorriso que vai de um canto a outro no rosto. Ela é natural da Irlanda e até um ano atrás não pensava em outra coisa, se não continuar a lecionar geografia para o ensino fundamental.

"Mas aí uma amiga minha, que já tinha feito teste para o Stomp uma vez, me disse para eu ir fazer também, ela disse que tinha sido a coisa mais divertida da vida dela, aí eu fui", conta sobre o episódio. Assim que recebeu a ligação do grupo ela não pensou duas vezes e se demitiu da escola antes mesmo de saber se estava ou não no grupo. "O Stomp é minha vida", garante dando mais um sorriso largo.

Ela explica que o elenco não seleciona os objetos que vão para o show, mas que, no entanto, eles servem de "cobaia" para saber o que vai ou não funcionar. "Os instrumentos são definidos pelos coreógrafos, com base no próprio conceito do grupo e nessa pesquisa contínua por novos sons", argumenta.



▶ Louise deixou de ser professora de Geografia para se juntar ao grupo

Louise faz parte do elenco britânico que viaja o mundo todo, e afirma que mesmo em turnê o grupo mantém uma rotina de ensaios antes de cada apresentação para que toda a coreografia exaustivamente ensaiada não dê errado. "Mas sinceramente eu me divirto até quando

a gente erra, porque o público não percebe, mas a gente sim, e isso é suficiente para que a gente se ligue de novo e não sejamos tão mecânicos", considera a ex-professora de geografia que mesmo sem nenhuma formação musical, não achou difícil o mergulho nesse universo.

"Acho que o Stomp é sobre você sentir a música, sentir essa energia acima de tudo. É claro que eu acho difícil tirar a sonoridade do objeto, mas essa performance do palco eu amo! Me divirto muito em estar lá em cima e fazer o show inteiro", garante, dizendo que não pensa em voltar para sala de aula nem tão cedo.

"Quem sabe um dia, quando eu tiver crianças? Acho que vai ser lindo porque vou voltar para a sala muito mais musical, mas é realmente muito engraçado pensar sobre meu futuro, sei que estou aprendendo muito e não quero parar", diz, ainda sorridente, se preparando para uma apresentação exclusiva para a imprensa antes do show completo na mesma noite, mais adiante

O QUE NATAL VAI VER?

Pela primeira vez no Nordeste brasileiro, o Stomp passa inicialmente em Fortaleza (CE), com uma apresentação única no dia 2 de maio, e logo após desembarca na capital potiguar, para uma pequena temporada, entre os dias 5 e 7 de maio no Teatro Riachuelo (terça e quinta às 21h, e quarta-feira, duas apresentações, às 17h30 e 21h).

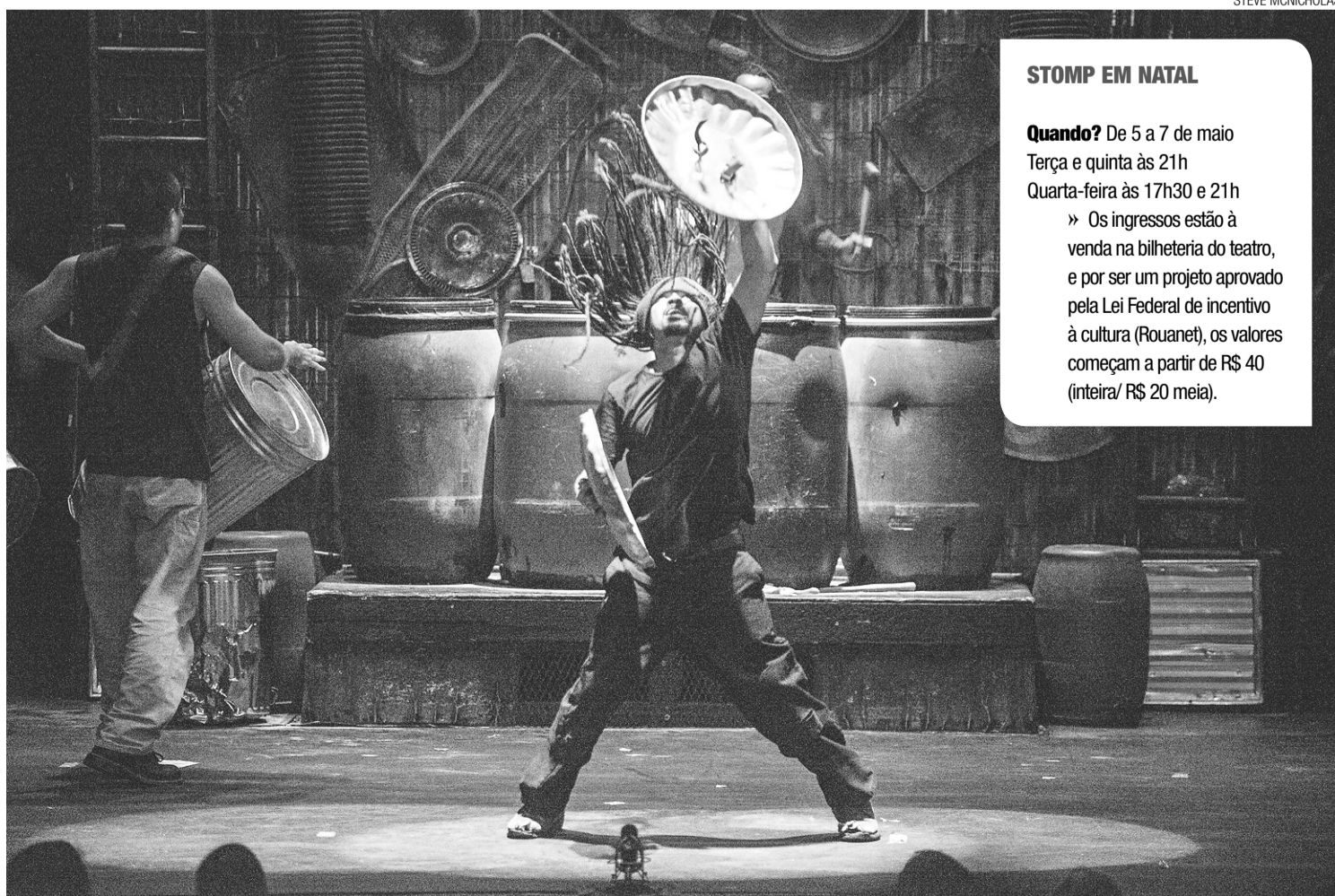
Para um país já acostumado à música de percussão, a sonoridade do Stomp fica até mais fácil de pulsar desde os primeiros minutos, mas mesmo assim é realmente impressionante a sincronia de todos que estão em cena, com os "instrumentos musicais" mais improváveis, como areia, canos sanfonados de plástico (que soam como sapos) e até mesmo pias de alumínio e caixas de fósforo.

Destacamos em especial o número no qual todos eles criam um ritmo de percussão a partir de isqueiros. Com o palco todo escuro, é interessante observar que o som e a luz saem de um mesmo ponto, apenas por acender e apagar os isqueiros, marcando assim um dos momentos mais interessantes da apresentação. Ou seja, fica evidente que o Stomp é uma mistura precisa entre música e coreografia.

Vale ressaltar também que para descontrair ainda mais as quase duas horas de apresentação, o grupo utiliza bastante humor em todos os números, provocando empatia direta da plateia, que acaba entrando na brincadeira quando desafiada, por exemplo, a bater palmas em uma velocidade frenética.

Talvez exatamente por essa descontração no palco não fosse de se estranhar que o Teatro do Bourbon Country estivesse lotado por diferentes faixas etárias em plena quarta-feira. A plateia aprovou o som, e a maior prova veio ao final da apresentação, quando além de aplausos, muitas fileiras batiam também os pés para tornar o som do agradecimento ainda mais percussivo, ainda mais "Stomp".

Ah, e não esquecer se quando acabar o show você perceber que o abrir e fechar de uma porta, por exemplo, também pode render uma música. O repórter, por sinal, ouviu percussão agora até mesmo enquanto redige esse texto e bate nas diversas letras do teclado do computador... Deve ser esse o efeito "Stomp".



▶ Marivaldo dos Santos é o único brasileiro a integrar o grupo inglês, no qual atua há dez anos

STOMP EM NATAL

Quando? De 5 a 7 de maio
Terça e quinta às 21h

Quarta-feira às 17h30 e 21h

» Os ingressos estão à venda na bilheteria do teatro, e por ser um projeto aprovado pela Lei Federal de incentivo à cultura (Rouanet), os valores começam a partir de R\$ 40 (inteira/ R\$ 20 meia).

SAIBA MAIS

Com uma combinação única de percussão, movimento e comédia visual, o Stomp foi criado em Brighton, na Inglaterra, durante o verão de 1991, como resultado de uma colaboração de dez anos entre os criadores Luke Cresswell e Steve McNicholas. Ao longo dos anos, o grupo ficou conhecido pela percussão através de objetos do cotidiano, e em agosto de 2012, a maior de todas as montagens de Stomp reuniu 40 artistas de 12 países diferentes para uma apresentação especial na cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Londres. O grupo tem viajado pelo mundo há 24 anos, com uma média de 20 mil shows, e um público acumulado de 12 milhões de pessoas em 53 países e 6 continentes.

*Repórter viajou a convite da Opus Promoções

Jota Oliveira



jotaoliveira@novojornal.jor.br

Sabor de Dez!



► Prato Sabor de Dez! Camarão Potiguar

O Sabor de Dez! de hoje traz uma criação do Chef Alexandre Gurgel, que atua como personal cook (chef em domicílio e para eventos de pequeno, médio e grande porte), e como consultor gastronômico, assinando cardápios e ministrando oficinas culinárias. Gurgel escolheu o prato "Camarão Potiguar" - empanado com Lascas de Coco Seco Desidratado e Servido com Redução de Cajá e Hortelã -, bastante procurado no seu espaço gastronômico "MI CASA É SU CASA". Os ingredientes necessários são 01 kg de filé de camarão,

sal, pimenta do reino, 800g de lascas de coco seco desidratado, farinha de trigo, 10 ovos batidos, 1 ½ litro de óleo para fritar 300g de polpa de cajá natural, quatro colheres (sopa) de hortelã picada, quatro colheres (sopa) de manteiga com sal, duas garrafinhas de creme de leite fresco. Preparo: tempere os camarões com sal e pimenta do reino, a gosto, e reserve. Numa panela funda ou num tacho, coloque o óleo e deixe ficar ao ponto de fritura (jogue um palito de fósforo dentro do óleo e quando ele acender estará no ponto para fritar).



► Chef Alexandre Gurgel do MI CASA É SU CASA

Na sequência, para empanar os camarões, passe-os na farinha de trigo, em seguida nos ovos batidos e por último nas lascas do coco seco. Frite-os de dez em dez para não grudar. Quando estiver dourados, retire-os e disponha-os numa placa coberta por camadas de papel toalha. Deixe secar bem. Redução de cajá e hortelã: numa frigideira derreta a manteiga e refogue a hortelã picada - preste bem atenção para não deixar queimar e escurecer. Em seguida, adicione a polpa do cajá natural; deixe espessar e incorporar os ingredientes até que ferva. Imediatamente acrescente o creme de leite fresco. Quando estiverem encorpados acerte o ponto do sal. Caso necessário, coloque um pouco de açúcar. Sirva os camarões com a redução à parte.

BLOG.JOTAOLIVEIRA



► Casal press Alexandre e Janaina Mulatinho. Ela rasgando folhinha nesta segunda

EM CENA

Hoje o Anfiteatro Pau-brasil está recheado de atrações. Bosque Encena, projeto com espetáculos de teatro, circo e música direcionados às crianças, faz sua estreia com "Um sonho de rabeça no Reino da Bicharada", às 10h. Quem também se apresenta no Parque das Dunas é trio Grooveraltas, que se apresenta seu jazz

no projeto Som da Mata, às 16h30.

PALCO

Para quem tem pimpolhos, o espetáculo "Frozen: Uma aventura congelante", que reúne interpretações musicais valorizando a magia e a descontração, volta ao palco do Teatro Alberto Maranhão para mais uma apresentação, hoje, às 16h.

PARABENS

Hoje é dia de abraçar e cantar parabéns para os aniversariantes O advogado Tributarista André Elali, Lissa Faustino Emerenciano, Odiléia Mércia da Cosa, lá no RJ Ricardo Mesquita de Faria, Dr. Roberto César Pacheco, jornalistas Osair Vasconcelos, Janafina Amaral Mulatinho, Tereza Cristina Rabelo e Zilné Maia Melo. Nesta segunda, dia 27, vivas antecipados para Carolina Santos, Ruth Leite, Paula Rocha Gaspar e Magda Patriota. Comemora-se também hoje o Dia do Goleiro e Dia de Prevenção e Combate à Hipertensão. Já amanhã é comemorado o Dia da Empregada Doméstica, Dia Mundial do Design Gráfico e Dia do Sacerdote.

Carpe Diem

66

A alma tem fome de sensações e emoções. Mas não é de qualquer tipo de emoção. A alma deseja ser tocada por delicadezas, pequenas lembranças e sutilezas. Detesta emoções banais, excessivamente carnais. Por isso, para alimentar a alma, alimente-se de coisas boas da gratuidade dos abraços sinceros; dos beijos carinhos das crianças, ou do beijo apaixonado de quem amamos. Tudo sacia, tudo preenche, mas, se tem algo que faz a alma transbordar, é a possibilidade de servir, de ser útil de verdade. Quer matar a fome da alma? Pratique a caridade".
(Paulo Roberto Gaefke)

FOTOS: JOÃO NETO



► Os queridos Lissa e Marcolero Emerenciano. Ela rasgando folhinha hoje



► Lá no Rio, o nosso abraço de parabéns para Ricardo Mesquita de Faria aniversariante de hoje, que divide pose com a amada Mônica



► João Patriota em vivas e mimos para a amada Magda que hoje amanhece em nova primavera amanhã



► Vivas de felicidades para Juliana e o muso André Elali. Ele nova idade hoje.



CLUB VIP

Carolina Herrera e o DJ Alesso se unem para lançamento do perfume 212 VIP Club Edition A canção "If it wasn't for you" foi criada em torno da nova fragrância. O clipe estreou no Youtube, o perfume, nas versões masculina e feminina, chega o Brasil em junho.



Editor

Augusto Bezerril

E-mail

augustobezerril@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

+ moda e estilo por **Augusto Bezerril**

GAROTAS DO SURF CLUB



ZE TAKAHASHI/AGÊNCIA FOTOSITE



ZE TAKAHASHI/AGÊNCIA FOTOSITE



3



SERGIO CADDAH/AGÊNCIA FOTOSITE

O cenário é preto e a iluminação fazia contra luz sobre a passarela, o silhueta era a primeira imagem que se tinha das modelos cujas roupas eram (quase todas) pretas, com espaço para looks em branco. O tema da coleção é Surf Club. Mas os tubarões quem deram formas a biquínis, maiôs e até as sandálias do desfile. Adriana Degreas deu verdadeiro show de modelagem ao mostrar cavas sinuosas e provativas e tops de formas cônicas. A precisão dos recortes é tal que até formas de coluna ou arcada de tubarão realçaram as costas do maiô sem deixar qualquer resquícios de imperfeição sobre a peça. Os olhos negros marcados, a trilha inebriante e a luxuosa alternância de peças para piscina, praia, iate e luxuria de verão fizeram do desfile de Adriana Degreas digno dos 20 anos da SPFW.

IMAGENS

- ▶ 1. Modelos no backstage Adriana Degreas na SPFW.
- ▶ 2. O preto-e-branco e óculos de hastes azuis em clima jet set da Adriana Degreas.
- ▶ 3. Aline Weber desfila maiô, super cavado, da Adriana Degreas.

1



ZE TAKAHASHI/AGÊNCIA FOTOSITE

2



ZE TAKAHASHI/AGÊNCIA FOTOSITE

3

BOA VIAGEM

A SPFW iniciou roteiro de viagens do verão 2016. Lifestyle começa listar dicas.



CHECK IN

Fiorella Mattheis – que foi super pé quente n torcida do São Paulo – encarna turista minimalista do inverno Toli em foto do luxuoso Hotel Tivoli, em São Paulo. Assim como as imagens, as compras nas lojas Toli podem ser parceladas em 10 vezes. Embarque iniciado.



1



CEL.SO LUZ

IMAGEM DA FELICIDADE

Luciano Almeida causou na decoração do casamento de Gabriela e Vilmar Segundo. A cerimônia foi na icônica igreja do Campus da UFRN. A festa, a notícia da semana, foi no Olimpo. Com direito a reedição da doceria Pé de Moleque.

CONEXÃO ITÁLIA

1

A grife italiana De Padova estreou no Salão de Móvel de Milão. A poltrona Albereta, criada por Philippe Nigro, foi uma das apostas. O modelo foi, de origem vintage, foi descoberta no Hotel L'Alberet na Toscana.

PORTO RICO

2

Antes mesmo de Obama sela amizade com Cuba, muitos americanos descolados lançam olhares e programam viagem par Porto Rico. A carioca Patrícia Vieira – cujo couro é amado por trend-setters – tem silhueta anos 50 e sentido San Juan.

BAHIA

3

Salvador e litoral baiano chegam com requinte de luxuria na lódice. As rendas e estampas devem vestir belas no quadrado de Trancoso – point de endinheirados no litoral.



ESTILORAMA

Entre Natal e Miami, Cyndra Potiguar apareceu no desfile Água de Coco e Ellus na SPFW.